

UNISINOS – UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Liana Pasinato

**O PROCESSO DE INSERÇÃO ESCOLAR PRECOCE: A  
FUNCIONALIDADE DAS RELAÇÕES COPARENTAIS**

São Leopoldo/RS  
2013

Liana Pasinato

**O PROCESSO DE INSERÇÃO ESCOLAR PRECOCE: A  
FUNCIONALIDADE DAS RELAÇÕES COPARENTAIS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração Psicologia Clínica, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Dra. Clarisse Pereira Mosmann

São Leopoldo/RS

2013

Liana Pasinato

## **O PROCESSO DE INSERÇÃO ESCOLAR PRECOCE: A FUNCIONALIDADE DAS RELAÇÕES COPARENTAIS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração Psicologia Clínica, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, de São Leopoldo, no dia 21 de março de 2013.

---

Prof. Dra. Clarisse Pereira Mosmann – UNISINOS – Orientadora

---

Prof. Dra. Silvia Pereira da Cruz Benetti - UNISINOS - Examinador

---

Prof. Dra. Lia Beatriz de Lucca Freitas - UNISINOS - Examinador

---

Prof. Dra. Luciana Suárez Grzybowski - UNISINOS - Examinador

Ficha catalográfica

P282p Pasinato, Liana

O processo de inserção escolar precoce: a funcionalidade das relações coparentais / por Liana Pasinato. – 2013.  
69 f. : il., 30cm.

Dissertação (mestrado)— Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2013.  
Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Clarisse Pereira Mosmann.

1. Parentalidade. 2. Coparentalidade. 3. Inserção escolar.  
4. Duplo-trabalho. I. Título.

CDU 159.9-055.52:373.2

Catálogo na Fonte:

Bibliotecária Vanessa Borges Nunes - CRB 10/1556

## AGRADECIMENTOS

Ao encerrar mais uma etapa de uma longa jornada que ainda há pela frente, gostaria de agradecer algumas pessoas que fizeram parte de minha história e que foram importantes e especiais durante esta caminhada. Certamente sem a presença constante de vocês não teria alcançado este objetivo.

Inicialmente agradeço a Deus, por ter me dado forças para enfrentar as dificuldades e vencer mais este desafio.

À minha orientadora, Professora Dra. Clarisse Pereira Mosmann, pelos seus ensinamentos, postura compreensiva e ética. Tenho enorme admiração pela pessoa e profissional que és.

À banca examinadora, professoras Silvia Pereira da Cruz Benetti, Lia Beatriz de Lucca Freitas e Luciana Suárez Grzybowski, pelas contribuições a esse estudo.

Aos meus colegas, pela parceria, amizade e aprendizagens. Em especial, a Paula e a Patrícia, pelo companheirismo durante as longas horas de estrada de Erechim a São Leopoldo. E também a minha segunda família, Elvira, Paulo e Vinicius, que sempre me acolheram e deram apoio. Sentirei saudades.

Aos casais participantes desta dissertação, por dividirem suas experiências de vida comigo e contribuírem para este estudo.

Também, aos meus amigos, por estarem sempre ao meu lado e por compreenderem minha ausência.

E, por fim, agradeço as pessoas mais importantes da minha vida, à minha família Gibrail, Ivéte, Luan e Luana. Vocês são os pilares que me sustentam e que tornaram possível este sonho. Vocês acompanharam e fizeram esta caminhada junto comigo, dividindo angústias, ansiedades, enfrentando dificuldades. Obrigada... eu os amo muito.

É a todos vocês, que dedico este trabalho!

## RESUMO

Na atualidade, a entrada dos filhos à escola de educação infantil implica em inúmeros desafios. Devido às características de duplo-trabalho de um número cada vez maior de genitores, e a escassez de rede social de apoio, esse período tem sido adiantado cronologicamente, uma vez que as crianças estão ingressando logo após o término da licença maternidade às escolas. Os genitores precisam então, fazer frente a uma sobreposição de duas etapas do ciclo evolutivo familiar, que são a transição da conjugalidade à parentalidade e a coparentalidade e o ingresso dos filhos à escola de educação infantil. Portanto, a articulação entre estas relações pode se expressar em dificuldades dos filhos neste momento. Neste sentido, o objetivo desta dissertação foi o de compreender como se dá a coparentalidade em casais que os filhos ingressaram à escola de educação infantil, logo após o término da licença maternidade. Essa dissertação é composta por dois artigos empíricos, o primeiro intitulado “A transição para a coparentalidade: casais que os filhos ingressaram à escola ao término da licença-maternidade” e o segundo “A coparentalidade em famílias com bebês com indicativos de dificuldades de inserção escolar precoce”. Foi realizado um estudo exploratório descritivo, com quatro famílias nucleares, residentes em Erechim/RS, com idades entre 26 e 40 anos, e que os filhos haviam ingressado na escola de educação infantil, logo após o término da licença maternidade. Os instrumentos utilizados foram: questionário de dados sociodemográficos, roteiro e entrevista semiestruturada sobre coparentalidade. Os resultados deste estudo mostraram importantes aspectos da dinâmica familiar destes casais durante o período de inserção escolar precoce dos filhos. Algumas mudanças da atualidade têm reflexos neste momento, como o fato da família ter dificuldades para encontrar uma rede de apoio, e a valorização dos ingressos financeiros das mulheres, por isso inserem precocemente os filhos à escola. Estas características se expressam no fato da coparentalidade estar sendo desempenhada de forma mais igualitária pelos casais deste estudo, uma vez que o duplo-trabalho e a inserção escolar precoce dos filhos impõem essa dinâmica. Entretanto, no processo de inserção escolar, ainda são as mães as principais participantes, apontando uma heterogeneidade nestas dinâmicas. Assim como as tarefas domésticas ainda não são divididas igualmente, estando estas associadas aos papéis de gênero.

**Palavras-chave:** Parentalidade. Coparentalidade. Inserção Escolar. Duplo-Trabalho.

## ABSTRACT

Nowadays, the entry of children in preschool involves numerous challenges. Due to the characteristics of double-work of a growing number of genitors, and the shortage of social support network, this period has been reduced, since children are going to schools right after the end of maternity leave. The parents need to tackle this overlapping of two stages of family life cycle, which are the transition from conjugality to parenting, and coparenting and children entering the kindergarten. Given that the articulation of these relationships might be expressed in difficulties for the children at this time. In this regard, the aim of this dissertation was to comprehend how the coparenting sets up in couples where the children were enrolled to the childhood education, right after the end of maternity leave. This dissertation is composed of

two empirical articles, the first titled "The transition to coparenting: couples where their children were enrolled to the school at the end of maternity leave " and the second "The coparenting in families with babies who have indicatives of early school insertion difficulties". An exploratory and descriptive study was made, with four nuclear families, living in Erechim / RS, aged between 26 and 40 years, and where the children had entered the kindergarten soon after the end of maternity leave. The instruments used were: sociodemographic questionnaire, semistructured script and interview about coparenting. The results of this study show important aspects in the family dynamics of these couples during the early school insertion of its children. The findings show changes of the present time that have an impact in this moment, such as the difficulty for the family to find a support network, the valuation of financial income of women, and for this reason enroll children to school earlier. These characteristics are expressed in the fact of the coparenting is performed more equally by the couples of this study, since double-work and the inclusion of children prematurely in school impose that dynamic. However, in the process of school integration, mothers are still the main participants, pointing a heterogeneity in these dynamics. Just as household tasks are not equally divided, and are associated with gender roles.

**Keywords:** parenting, co-parenting, school integration, double-work

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>Seção I – Artigo Empírico</b>	<b>12</b>
<b>A Transição Para a Coparentalidade: Casais que os Filhos Ingressaram à Escola ao Término da Licença-Maternidade.....</b>	<b>12</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1.MÉTODO.....</b>	<b>19</b>
1.1 DELINEAMENTO.....	19
1.2 PARTICIPANTES.....	19
1.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	20
1.4 INSTRUMENTOS.....	20
1.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS.....	21
1.6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	21
1.6.1 Transição e Adaptação à Parentalidade e à Coparentalidade.....	22
1.6.2 Coparentalidade.....	24
1.6.2.1 Apoio Mútuo .....	24
1.6.2.2 Compartilhamento de Cuidados com os Filhos.....	25
1.6.3 Divisão de Tarefas Domésticas.....	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>32</b>
<b>Seção II – Artigo Empírico</b>	<b>35</b>
<b>A Coparentalidade em Famílias de Bebês com Indicativos de Dificuldades de Inserção Escolar Precoce.....</b>	<b>35</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>35</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>36</b>
<b>2.MÉTODO.....</b>	<b>42</b>
2.1 DELINEAMENTO.....	42
2.2 PARTICIPANTES.....	42
2.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	43
2.4 INSTRUMENTOS.....	43
2.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS.....	44

2.6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	44
2.6.1 Inserção Escolar.....	45
2.6.2 Motivos de Inserção Precoce.....	45
2.6.3 Rede de Apoio.....	47
2.6.4 Sentimento dos Genitores.....	48
2.6.5 Reações Frente à Inserção Escolar.....	49
2.6.6 Indicativos de Dificuldades de Inserção Escolar dos Filhos.....	51
2.6.7 Coparentalidade na Inserção Escolar.....	53
2.6.8 Inclusão dos Pais à Escola.....	55
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>59</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO.....</b>	<b>61</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>63</b>
<b>ANEXO I- PARECER COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....</b>	<b>64</b>
<b>ANEXO II-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO....</b>	<b>65</b>
<b>ANEXO III- FICHA DE DADOS SÓCIODEMOGRÁFICOS.....</b>	<b>66</b>
<b>ANEXO IV- ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE COPARENTALIDADE.....</b>	<b>68</b>

## APRESENTAÇÃO

As mudanças sociais decorrentes da revolução industrial tiveram seus reflexos na organização familiar. Ainda no século XVIII, as mulheres eram as responsáveis pelos cuidados dos filhos e pelas atividades domésticas, abdicando de sua vida profissional, enquanto os homens cuidavam do sustento financeiro, se eximindo de qualquer outra tarefa (Rizzo, 2010; Rossetti-Ferreira, Amorim, & Vitória, 1994). Atualmente, em função da mulher também estar inserida no mercado de trabalho, seja pela necessidade de aumentar a renda familiar ou pela sua realização pessoal, os cuidados com os filhos e com a casa precisam ser compartilhados (Weber, Santos, Becker, & Santos, 2006). Considerando a escassez das redes de apoio, que poderiam dar suporte a essas famílias nesse momento, os genitores buscam as escolas de educação infantil, sendo impelidos a se reorganizarem em função destas novas demandas contextuais (Seabra, 2007).

Neste contexto, em que logo após o término da licença maternidade, os genitores optam por inserir precocemente os filhos às escolas de educação infantil, coincidem: a transição à parentalidade, que é considerada pela literatura (Hernandez, & Hutz, 2009) como uma etapa de crise do sistema familiar, e que demanda adaptabilidade a novos papéis e funções; e, também, o ajustamento coparental, gerando uma sobreposição de duas etapas do ciclo evolutivo familiar, o que torna esse processo muito mais complexo.

Cabe ressaltar que a coparentalidade tem sido pouco estudada, apesar de sua importância para o desenvolvimento dos filhos. Os estudos nesta área centram-se expressivamente nesta interação após o divórcio (Lamela, Figueiredo, & Bastos, 2010). Entretanto, alguns autores (Mosmann, Einsfeld, Silva, & Terres-Trindade, 2012), enfocam a importância de bons níveis de acordo coparental e baixos índices de conflito e competição coparental para o desenvolvimento dos filhos em núcleos intactos. Portanto, identifica-se a necessidade de compreender como se dá a coparentalidade e quais os seus reflexos na dinâmica familiar durante o período de inserção escolar precoce dos filhos. Uma vez que, os genitores precisam conciliar as demandas profissionais e pessoais, a essa nova etapa, o que pode gerar algumas dificuldades para os genitores, bem como para os filhos.

Esta dissertação de mestrado denominada “O processo de inserção escolar precoce: a funcionalidade das relações coparentais” está inserida na linha de pesquisa “Estados Psicopatológicos e Abordagens Psicoterápicas”, fazendo parte do Núcleo de Pesquisa em

Casais e Famílias – NECAF, sob coordenação da professora Dra. Clarisse Pereira Mosmann do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da UNISINOS. Conforme o novo regulamento deste PPG a dissertação é composta por dois artigos científicos.

A seção I é composta de um artigo empírico intitulado “A transição para a coparentalidade: casais que os filhos ingressaram à escola ao término da licença-maternidade” que visou investigar a transição para a parentalidade e a coparentalidade em casais que os filhos ingressaram na escola de educação infantil, logo após o término da licença maternidade. Os resultados indicam que as mães se sentem mais sobrecarregadas com as novas tarefas e funções referentes à parentalidade, enquanto os pais conseguem manter seus espaços de lazer. Parece existir uma maior divisão entre os genitores com relação ao compartilhamento de cuidados com os filhos, porém ocorre de acordo com a necessidade. Já com relação às tarefas domésticas, ainda permanece uma menor divisão entre os casais, sendo que muitas tarefas estão associadas aos papéis de gênero. Porém, apesar das dificuldades e conflitos vivenciados pelos casais deste estudo, referentes à transição, à parentalidade e à coparentalidade, somadas às questões de duplo-trabalho e a inserção escolar dos filhos, os genitores apresentaram capacidade de adaptabilidade e bons níveis de acordo coparental.

A sessão II contempla um artigo empírico denominado “A coparentalidade em famílias de bebês com indicativos de dificuldades de inserção escolar precoce”, devido a importância de analisar a coparentalidade no processo de inserção escolar precoce de bebês entre 3 e 8 meses de idade, com indicativos de dificuldades de inserção. Os resultados indicam mudanças da atualidade que tem reflexos neste processo, pois as funções que anteriormente eram desempenhadas majoritariamente pelas mulheres, atualmente são compartilhadas pelos genitores. Mesmo que essa divisão não ocorra de forma tão igualitária, os pais estão sendo muito mais atuantes. Nota-se, a partir dos relatos, uma ambivalência com relação a divisão de tarefas e ao compartilhamento de cuidados, pois tanto pais quanto mães, ora dizem dividir, ora dizem que o fazem se houver necessidade. Ou seja, a participação dos mesmos ainda não ocorre de forma natural. Assim como, somente um dos casais acompanhou conjuntamente o filho durante o período de inserção escolar. Não é sabido ainda se isto ocorre pela dificuldade da família ou, se pelo fato das escolas não convidarem o par parental para participar.

Por fim, são apresentadas as considerações finais da dissertação, referências bibliográficas e anexos. A realização desta pesquisa possibilitou compreender aspectos

importantes da dinâmica familiar destes casais durante o período de inserção escolar precoce dos filhos.

## **Seção I – Artigo Empírico**

### **A Transição Para a Coparentalidade: Casais que os Filhos Ingressaram à Escola ao Término da Licença-Maternidade**

#### **RESUMO**

O presente trabalho visa a investigar a transição para a parentalidade e a coparentalidade em casais que os filhos ingressaram na escola de educação infantil, logo após o término da licença maternidade. Foi realizado um estudo de delineamento exploratório e descritivo, com método de análise dos dados qualitativo. Participaram quatro famílias nucleares, com idades entre 26 e 40 anos. Os instrumentos utilizados foram: questionário de dados sociodemográficos, roteiro e entrevista semiestruturada sobre coparentalidade. Os resultados indicam que, durante a transição para a parentalidade, os pais preservam mais seus espaços pessoais, enquanto as mães se sentem sobrecarregadas, ao se colocarem como responsáveis por dar conta de todas as demandas que envolvem esse período. Já a coparentalidade é desempenhada de forma mais igualitária, uma vez que a inserção escolar precoce dos filhos e o duplo-trabalho impõem essa dinâmica. Em contrapartida, as tarefas domésticas ainda não são divididas igualmente, estando estas associadas aos papéis de gênero.

**Palavras-chave:** Inserção Escolar. Parentalidade. Coparentalidade. Duplo Trabalho.

#### **ABSTRACT**

### **The Transition to Coparenting: Couples Where Their Children Were Enrolled to The School at the End of Maternity Leave**

The present study aims to investigate the transition to parenthood and co-parenthood in couples where their children entered school in kindergarten, right after the end of maternity leave. An exploratory and descriptive study was made, with qualitative data analysis. The participants were four nuclear families, aged between 26 and 40 years. The instruments used were: sociodemographic questionnaire, semistructured script and interview about coparenting. The results show that, during the transition to parenthood, fathers preserve more their personal spaces, while mothers feel overwhelmed, in positioning themselves as responsible for realizing all demands involving this period. On the other hand coparenting is carried out more equally, since the inclusion of children prematurely in school and double-work impose that dynamic. In contrast, household tasks are not equally divided, and are associated with gender roles.

**Keywords:** School Integration. Parenting. Co-parenting. Double-Work / Dual-Career.

## INTRODUÇÃO

A transição para a parentalidade configura-se como uma etapa de crise do sistema familiar caracterizada por mudanças impactantes sobre a vida e o relacionamento dos indivíduos que a experimentam. Durante esse período novos papéis precisam ser aprendidos, novos relacionamentos desenvolvidos e os já existentes, necessitam ser reordenados (Hernandez, & Hutz, 2009).

Atualmente, devido às características de duplo trabalho dos pais, as crianças estão ingressando na escola logo após o término da licença maternidade. Fator que gera uma sobreposição de duas etapas do ciclo de vida da família, que, antigamente, eram marcadamente distintas, culminando em uma maior complexidade. Existia uma diferença no momento de transição da conjugalidade para parentalidade e a coparentalidade, com tarefas e demandas específicas, e posteriormente a entrada dos filhos na escola.

Em famílias nucleares, durante a transição da conjugalidade para a parentalidade os pais necessitam assumir um papel diferente do desempenhado até então, pois o sentimento de maternidade e paternidade é carregado de emotividade o que às vezes resulta difícil de ser elaborado. O surgimento das novas funções vem com o envolvimento dos pais na relação com os filhos. Os filhos necessitam de cuidados e de afeto, estabelecendo uma relação de dependência com seus genitores boa parte do tempo. As dificuldades surgem em função de que, tanto o pai quanto a mãe, precisam dar todo o seu amor ao novo filho, continuando a fazer o mesmo com seu respectivo cônjuge. Desta forma neste período ocorrem modificações na estrutura, nos papéis e nas funções, sendo que essa transição pressupõe certos níveis de flexibilidade para que o sistema consiga se adaptar e atingir uma nova dinâmica familiar (Ríos-González, 2005).

No contexto nacional, Menezes e Lopes (2007) buscaram analisar a relação conjugal durante a transição para a parentalidade sob dois enfoques: a avaliação que cada casal fez de sua relação e a interação comunicacional estabelecida nos diferentes momentos de transição. Para isso, realizaram um estudo de caso coletivo, longitudinal, que abrangeu cinco etapas: o último trimestre de gestação e o terceiro, o oitavo, o décimo segundo e o décimo oitavo mês de vida dos bebês. A amostra foi composta por quatro casais adultos, com idades entre 20 e 30 anos, que esperavam seu primeiro filho. Os resultados indicaram que a parentalidade pode se manifestar de diferentes formas em cada casal. Entretanto, a participação, ou não, dos homens na função parental mostrou-se relacionada à qualidade da conjugalidade. De acordo com os

autores, durante a transição para a parentalidade, os casais que apresentavam uma relação de envolvimento emocional puderam aprimorá-la e manifestar isso por meio do aumento da emissão de respostas apoiadoras ao cônjuge. Enquanto os casais que já tinham um distanciamento afetivo, sentiram mais o impacto desta transição, diminuindo a forma apoiadora de interagir com o cônjuge.

Neste sentido a característica que parece mais determinante da forma como cada casal vivencia esta fase de transição do sistema conjugal para coparentalidade, é a qualidade de sua relação conjugal antes do nascimento do bebê. A história dos cônjuges, a intensidade e a qualidade da interação afetiva são fundamentais para definir a forma como cada casal age neste momento de adaptação (Prati, & Koller, 2011).

No momento em que se estabelece o subsistema parental, se instaura também o subsistema coparental. Este último é definido pelo envolvimento conjunto e recíproco de ambos os pais na educação, formação e decisões sobre a vida de seus filhos (Feinberg, 2003).

O surgimento do conceito de coparentalidade é marcado por divergências na literatura psicológica. Frizzo et al. (2005) referem que o conceito de coparentalidade foi empregado pela primeira vez em 1978, por Galper. Concernente a aspectos do divórcio e o relacionamento pais e filhos, Ahrons (1981) sugere que o termo coparentalidade surgiu nos anos 70, introduzido por Bohannon. Já, para Mullett e Stolberg (1999), o conceito surge em 1980, sendo utilizado primeiramente por Rosenthal e Hansen. Num primeiro momento, o conceito de coparentalidade esteve relacionado ao estudo das relações familiares após o divórcio (Frizzo et al., 2005), sendo somente nos anos 90, estudado também em famílias intactas.

Independente da avaliação de sua qualidade, para definição do termo coparentalidade, é necessária a presença de duas (Grzybowski, & Wagner, 2010), ou mais pessoas envolvidas e responsáveis pela educação dos filhos (McHale, Kuersten-Hogan, & Rao, 2004). Sendo somente excluído da relação coparental os aspectos legais, românticos, sexuais, emocionais e/ou financeiros dos relacionamentos adultos que não tem relação com os cuidados sobre a criança (Feinberg, 2003). A importância da coparentalidade para o desenvolvimento dos filhos ainda é pouco estudada, e a maior parte das pesquisas se centra no estudo desta interação após o divórcio. Entretanto as pesquisas que buscam analisar suas associações ao desenvolvimento infantil enfocam a importância de bons níveis de acordo coparental e baixos índices de conflito e competição coparental (Mosmann, Einsfeld, Silva, & Terres-Trindade, 2012; Lamela, Figueiredo, & Bastos, 2010). Por acordo coparental se entende a afirmação da

competência do outro genitor como pai/mãe, reconhecendo e respeitando suas contribuições, bem como sustentando suas decisões. Em contrapartida, alguns genitores adotam uma postura competitiva, minando um ao outro com a crítica, o menosprezo e a culpa. Ou seja, o ganho de um dos genitores em relação à autoridade e/ou afeto com relação aos filhos, pode ser compreendido como uma perda para o outro (Ihinger-Tallman, Pasley, & Beuhleur, 1995; McHale, 1995). Portanto, o comportamento dos filhos é afetado não somente pela relação pais-filhos, mas também pela coparentalidade, quando os cônjuges falham no suporte um ao outro e expressam aos filhos práticas educativas contraditórias (Mosmann, Einsfeld, Silva, & Terres-Trindade, 2012).

As pesquisas indicam que o suporte coparental também está associado ao relacionamento conjugal. O estudo de Silva e Piccinini (2007) buscou compreender por meio de uma abordagem qualitativa, os sentimentos relacionados à paternidade e o envolvimento paterno de três pais casados que tinham um único filho em idade pré-escolar. Os dados revelaram que os pais podem ter uma ampla participação na vida dos seus filhos, não restringindo seu envolvimento ao sustento financeiro, a passeios e a brincadeiras. Os pais entrevistados participavam dos cuidados básicos dos filhos e dividiam com suas esposas as responsabilidades pelas crianças. Segundo os autores, o bom relacionamento com a mãe facilitaria o envolvimento dos pais com os filhos, principalmente por se tornarem presentes no discurso materno de forma positiva.

Muitas variáveis podem se expressar na forma como o casal vai estabelecer sua relação coparental, além dos aspectos dinâmicos do casal, existem elementos contextuais que podem se refletir neste momento. Em função de tradicionais diferenças de gênero presentes em nossa cultura, se percebe que ao mesmo tempo em que o pai deseja participar da vida do bebê, ele pode se perceber como excluído. Uma vez que o cuidado dos filhos é assumido socialmente como uma habilidade natural feminina (Badinter, 2011; Bornholdt, Wagner, & Staudt, 2007), e muitas mulheres não permitem uma maior participação dos homens. Ou seja, os casais que procuram dividir os cuidados com o filho, e os deveres de provedor em bases iguais, necessitam negociar seus papéis num contexto social, onde a regra que tem sido aceita, é que a mãe seja a encarregada pelo cuidado do filho, e o pai a ajuda. Esta crença tem sido reforçada também pela disponibilidade criada pela licença-maternidade, e pelo tempo exíguo da licença-paternidade (Cooper, & Lewis, 2000), uma vez que a legislação brasileira prevê cento e vinte dias de licença para as mães e cinco dias para os pais. Neste contexto, é reforçada a concepção tradicional de família, composta de um “homem provedor” e uma

“mulher dedicada aos cuidados do lar” (Pinheiro, Galiza, & Fontoura, 2009; Faria, 2002). Ou seja, não existe incentivo por parte do estado para um maior envolvimento dos genitores com seus filhos.

Em contrapartida, na Suécia, desde 1974, a licença maternidade se tornou um benefício remunerado para ambos os pais, com o objetivo de estimular os homens a assumir um papel mais ativo na criação dos filhos e propiciar uma divisão mais igualitária das tarefas domésticas. De acordo com a legislação sueca até o terceiro mês a licença é para o pai e para a mãe e, a partir desta data, o casal opta sobre qual dos dois continuará de licença parental, podendo este período ser alternado, para que tanto o pai, quanto a mãe possam se revezar na licença-maternidade (Pinheiro, Galiza, & Fontoura, 2009; Faria, 2002).

Ao investigar o envolvimento paterno no contexto brasileiro, Beltrame e Bottoli (2010) realizaram entrevistas semiestruturadas, com quatro casais, aplicadas individualmente, a partir de fotos tiradas pelos próprios pais, que registraram o dia a dia da família. Neste estudo observou-se que ser pai, na atualidade, na visão da mulher e do homem, afasta-se dos modelos tradicionais, ou seja, os pais encontram-se num momento de transição, exercendo antigos e novos papéis. É exigida uma nova postura dos homens, em que novas funções e papéis são esperados não somente por ingressarem em uma nova etapa do ciclo vital, mas também porque a sociedade e a mídia cobram um pai mais envolvido no cuidado com os filhos (Freitas et al., 2009; Staudt, & Wagner, 2008). Porém, quando por necessidade os pais oferecem cuidados como dar banho, comida, trocar fralda, entre outros, aparece a ideia de que o homem estaria ajudando ou auxiliando a mulher (Bustamante, & Trad, 2005). Cabe ressaltar que o envolvimento paterno no cuidado dos filhos não significa uma apropriação da vida doméstica em si, pois ainda permanece a distinção entre ser pai e ser dono de casa, sendo a última, ainda vivida com muito estranhamento (Sutter, & Maluschke, 2008).

Também, com objetivo de investigar as experiências e sentimentos de pais em relação à própria paternidade, os autores Gabriel e Dias (2011) encontraram como resultado que, mesmo os pais se colocando como envolvidos, essa participação se refere ao tempo em que estão disponíveis, e não à sua integralidade. A mãe e/ou a escola ainda são as principais responsáveis pela criança durante o dia. Portanto essa falta de consistência segundo os autores, entre o discurso e o fazer paterno, faz parte do momento sócio-histórico em que o homem tem vivenciado – um período de transição na constituição de seu papel.

Já na metade dos anos 2000, a análise do exercício e a divisão de papéis e funções desempenhadas por genitores na criação e educação de seus filhos em idade escolar também

foi alvo do estudo realizado a partir de um questionário elaborado por Wagner, Predebon, Mosmann e Verza (2005), com amostra de 100 famílias de nível sócio econômico médio, residentes da cidade de Porto Alegre. Os resultados demonstraram que, de forma geral, existia um bom nível de concordância entre as respostas de pais e mães (40%) com relação à divisão de tarefas na criação dos filhos. Quanto ao desempenho das principais tarefas realizadas na família no que tange à educação dos filhos, em 49% das famílias a mãe caracterizou-se por ser a principal responsável, e em 51% identificou-se por haver uma divisão igualitária das tarefas entre o pai e a mãe.

Esses resultados sugerem que atualmente, existe uma coexistência de modelos familiares, não havendo predominância de um tipo de estrutura. Em algumas famílias persiste a tradicional divisão de papéis, em outras, marido e esposa dividem as tarefas domésticas e educativas, e identifica-se ainda, as famílias em que a mulher é a principal provedora do sustento econômico familiar (Fleck, & Wagner, 2003).

É consensual que ao ingressar a mulher ao mercado de trabalho, os homens foram impelidos a dividir com a esposa os trabalhos domésticos e a criação dos filhos. Segundo Gomes e Resende (2004) a dinâmica familiar muda nos casais de duplo trabalho, pois não há como o homem não participar da vida familiar, devido à falta de tempo das mulheres.

Assim, alguns estudos têm se dedicado a analisar a divisão de papéis e funções de pais e mães no contexto de duplo-trabalho. Com o objetivo de conhecer a estrutura e a dinâmica de funcionamento de famílias de nível sociocultural médio-alto, com casais de duplo trabalho e filhos em idade escolar, Souza, Wagner, Branco e Reichert (2007) realizaram um Estudo de Casos Múltiplos com quatro famílias, utilizando para coleta de dados a Entrevista Familiar Estruturada. Os resultados apontaram que as mulheres são responsabilizadas pelo bem-estar das famílias e principalmente pelo trabalho doméstico. A contribuição dos homens apareceu de forma mais intensa no cuidado e no acompanhamento do desenvolvimento dos filhos e em atividades de lazer e de culinária nos finais de semana.

Questiona-se então como se configura este fenômeno na transição para a parentalidade e a coparentalidade somados ao ingresso precoce dos filhos à escola de educação infantil. Neste estudo, considera-se ingresso precoce a entrada dos bebês à escola de educação infantil, logo após o término da licença maternidade. Identifica-se uma lacuna na literatura nacional neste sentido, considerando que é um fenômeno recente que vem se tornando cada vez mais presente na atualidade.

Vanalli e Barham (2012) entrevistaram 40 professoras de escolas públicas do interior paulista, mães de filhos de até dois anos. O intuito foi o de investigar as vivências destas após o retorno da licença maternidade, examinando a divisão de tarefas com seus cônjuges, satisfação com seu envolvimento familiar e o do cônjuge e com sua rede social de apoio. A maioria das mães relatou dedicar-se o dobro do tempo que seus cônjuges às atividades domésticas e ao cuidado dos filhos. Elas assumiam tarefas de alta frequência e com horários fixos, avaliando positivamente o envolvimento familiar do esposo, mas sistematicamente menor que os seus. Essas participantes relatavam enfrentar grande sobrecarga, apontando para a necessidade de rever a divisão do trabalho familiar.

Para que essa divisão de tarefas entre o par parental ocorra com maiores níveis de funcionalidade é preciso haver por parte dos cônjuges, adaptabilidade a esses novos papéis e funções, que são impostos pela transição para parentalidade e a coparentalidade. A adaptabilidade familiar é entendida como o potencial de mudança e/ou adaptação à liderança, papéis e regras do sistema. Sendo a comunicação vista como facilitadora e fundamental na promoção desses movimentos. Ou seja, os casais necessitam se adaptar a uma grande variedade de eventos estressantes e circunstâncias que surgem no ciclo de vida familiar. A capacidade destes de se adaptar a esses acontecimentos vai depender de negociações e alterações no relacionamento conjugal (Mosmann, Wagner, & Féres-Carneiro, 2006; Van Egeren, & Hawkins, 2004). Nesse momento, a principal tarefa do subsistema parental está voltada para o cuidado e o desenvolvimento dos filhos, sem perder de vista o apoio mútuo que deve seguir operando no subsistema conjugal. Ou seja, o subsistema conjugal possui funções e demandas específicas (Wagner et. al., 2011) que precisam ser suficientemente estáveis para manter a continuidade e flexíveis o bastante para acomodarem-se a essas mudanças contextuais e evolutivas que acompanham a família ao longo do ciclo evolutivo familiar (Nichols, & Schwartz, 2007).

Neste sentido, faz-se necessário considerar as demandas da transição da conjugalidade para a parentalidade e a coparentalidade, às questões referentes ao duplo trabalho, que exigem maior flexibilidade com relação aos papéis, funções e à divisão de tarefas, somadas ao ingresso precoce dos filhos à escola. O objetivo do presente estudo foi o de analisar as vivências da transição para parentalidade e a coparentalidade em casais que os filhos ingressaram à escola de educação infantil, logo após o término da licença maternidade.

## 1.MÉTODO

### 1.1 DELINEAMENTO

Foi realizado um estudo de delineamento exploratório e descritivo, com método de análise de dados qualitativo, através da análise de conteúdo (Bardin, 1977).

### 1.2 PARTICIPANTES

Participaram deste estudo quatro casais de duplo-trabalho, com idades entre 26 e 40 anos, com filhos que ingressaram na escola de educação infantil logo após o término da licença maternidade.

Os critérios de inclusão foram: família nuclear, casais de duplo-trabalho, com filhos que tivessem ingressado na escola de educação infantil logo após o término da licença maternidade e que estivessem apresentando dificuldades de inserção escolar. Este artigo integra um projeto maior, intitulado “O processo de inserção escolar precoce: a funcionalidade das relações coparentais”, que objetiva analisar os sintomas das crianças associados as dificuldades de inserção escolar, que não será o foco no presente artigo.

**Tabela 1 – Caracterização das Famílias**

	CASAL A		CASAL B		CASAL C		CASAL D	
	MÃE	PAI	MÃE	PAI	MÃE	PAI	MÃE	PAI
Idade	37	28	33	40	31	26	26	34
Profissão	Pedagoga	Gestor Industrial	Professora	Policial Militar	-	-	Vendedora	Torneiro
Ocupação atual	Auxiliar Administrativa	Bancário	Professora de Ed. Infantil	Capitão da Brigada Militar	Balconista	Auxiliar de Produção	Vendas Material de Construção	Torneiro
Jornada de trabalho	44 horas	30 horas	40 horas	40 horas	44 horas	40 horas	44 horas	40 horas
Escolaridade	Graduação Completa	Graduação Completa	Pós-Graduação Completa	Graduação Completa	Ensino Médio Completo	Ensino Médio Completo	Graduação incompleta	Graduação Completa
1ª/2ª União	1ª União	1ª União	1ª União	2ª União	1ª União	1ª União	2ª União	2ª União
Situação conjugal	União Estável		Casados		União Estável		União Estável	
Número de filhos	1		2		1		1	

Idade dos filhos	8 meses	filha - 4 anos e 8 meses / filho 8 meses	7 meses	8 meses
Ingresso na Escola de Educação Infantil	4 meses	6 meses	5 meses	3 meses
Turno	Integral	Integral	Integral	Integral

Os casais participantes desta pesquisa apresentam idades entre 26 e 40 anos, sendo que todos possuem vínculo empregatício, com jornada de trabalho a partir de 30 horas semanais, em sua maior parte com graduação completa. No que se refere a situação conjugal, três dos quatro casais vivem em união estável, sendo somente um em segunda união. As crianças que estavam em inserção escolar, tinham idades entre sete e oito meses, sendo que os mesmos ingressaram na escola com menos de seis meses e nesta permaneciam em turno integral.

### 1.3 PRODECIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada a partir de contato com Escolas Particulares do Município de Erechim/RS, as quais indicaram as famílias que estavam passando por dificuldades no processo de inserção escolar. A pesquisadora contatou essas famílias e as convidou a participarem da pesquisa. Uma vez aceite o convite foi agendada uma entrevista no local de maior conveniência a família, em sua residência ou no consultório da pesquisadora.

Primeiramente, foi realizada uma entrevista com os dois genitores e, ao final desta, foi agendado um novo encontro individualmente com cada genitor, quando foi repetida a mesma entrevista. Justifica-se a escolha deste segundo momento individual visando oportunizar que os cônjuges, separadamente, se sentissem mais a vontade para avaliar às dificuldades associadas à coparentalidade, em relação ao seu cônjuge, e ao processo de inserção escolar precoce de seus filhos.

### 1.4 INSTRUMENTOS

Como instrumentos foram utilizados:

Ficha de dados sociodemográficos – buscou levantar dados sociodemográficos sobre os genitores e também sobre as crianças que apresentavam dificuldades de inserção escolar.

Entrevista sobre coparentalidade: foi utilizado o roteiro para entrevista sobre coparentalidade desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Transtorno do Desenvolvimento, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (NIEPED, 2006). A entrevista foi adaptada aos objetivos do presente estudo enfocando à inserção escolar. Esta se constituiu de 18 perguntas, separadas por oito dimensões: pergunta introdutória; parentalidade; relacionamento com o filho (a); apoio mútuo; compartilhamento de cuidados; práticas educativas/valores/expectativas; engajamento em atividades com o filho (a); engajamento em atividades com a família.

## 1.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente, transcritas e analisadas através do método da análise de conteúdo (Bardin, 1977), que propõe organizar o material das entrevistas por meio das seguintes etapas sequenciais:

Durante a pré-análise, o pesquisador se deixa invadir por impressões, de modo a tomar conhecimento das verbalizações dos pesquisados. Na exploração do material, foram efetuados recortes a partir de unidades de registro, conforme os eixos da entrevista, segundo sentido ou significado, lendo-as inúmeras vezes e juntando as que se aproximam em seu significado, agrupando dados comuns.

Já o tratamento dos resultados, a inferência e interpretação se deram quando as categorias já estavam construídas. Os conteúdos foram compreendidos a partir da Teoria Sistêmica (Wagner, et al., 2011).

## 1.6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados a partir de categorias e subcategorias elaboradas a partir da análise de conteúdo das entrevistas realizadas com os genitores. Cada categoria foi discutida teoricamente, diferenciando suas subcategorias, com a utilização de falas dos participantes, exemplificando o tema específico de cada uma delas.

A análise de conteúdo foi do tipo mista, sendo as categorias temáticas definidas a *priori*: apoio mútuo e compartilhamento de cuidados com os filhos. E as que emergiram a *posteriori*, mediante análise de conteúdo: transição e adaptação à parentalidade e à coparentalidade, e divisão de tarefas domésticas.

**Tabela 2 – Estrutura das Categorias**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
I – Transição e adaptação à parentalidade e à coparentalidade	
II – Coparentalidade	Apoio mútuo. Compartilhamento de cuidados com os filhos.
III – Divisão de tarefas domésticas	

#### 1.6.1 Transição e Adaptação à Parentalidade e à Coparentalidade

Esta categoria compreende os desafios relatados pelos participantes decorrentes da transição e adaptação à parentalidade, assim como os conflitos coparentais e os descompassos referentes à organização do par parental, que tem seus reflexos na dinâmica familiar.

Os seguintes relatos mostram uma diferença expressiva nas falas de pais e mães. A intensidade das dificuldades maternas vividas por elas, e a aparente tranquilidade e facilidade paterna, leva a conclusão de que isto se constitui como um fator estressor, apesar de os casais não admitirem, está implícito nas seguintes frases:

*“...eles querem meu sangue, as vezes eu to a beira de um ataque, porque eles querem muito, o pai me ajuda, pega, leva, mas quando é aquela hora de todo mundo se ajeitar, tem que ser com a mãe”. (mãe B)*

*“...bem tranquilo, nunca ninguém disse eu to cansado, eu não posso agora, ou tenho compromisso, a gente adia de tudo muitas vezes...as vezes eu trago trabalho pra casa...mas daí a gente deixa pra fazer depois que eles tão dormindo...a gente nunca preteriu as crianças*

*porque tem que fazer alguma tarefa assim, a gente para, larga tudo, e depois quando sobrar um tempo a gente faz...”. (pai B)*

Nota-se bem como na literatura (Gabriel, & Dias, 2011), que a mãe continua sendo a principal responsável e quem acompanha a criança na maior parte do tempo. Mesmo que o pai esteja envolvido e participe dos cuidados com os filhos, este se refere ao tempo em que estão disponíveis, ou quando são solicitados.

*“...a criança fica mais apegada a mãe...quer brincar mais com a mamãe, daí o papai tenta, mas quer ficar com a mamãe, e aí a mamãe as vezes quer fazer alguma coisa minha, olha uma revista, lê um e-mail, fazer alguma coisa, e não consegue...e daí tu vê que o papai consegue mais fazer, mas não é porque ele tomo a iniciativa...nesse momento cria um certo strezinho...tu pensa assim, bem hoje que hoje eu queria um tempinho só pra mim sabe...”. (mãe A)*

As frases a seguir evidenciam que durante a transição e adaptação à parentalidade, as mulheres sentem mais as dificuldades deste momento do que os homens. Pode-se pensar que em função das mães passarem quatro meses em licença maternidade, e terem que retornar ao mercado de trabalho, conciliando suas atividades profissionais com as domésticas e parentais, estas relatam sentir uma sobrecarga física e emocional. Já os homens, retornam ao trabalho logo em seguida ao nascimento do filho, talvez não sentindo de forma tão intensa como as mulheres essas mudanças.

*“... eu senti dificuldade no começo, quando ele se adapto a mim e eu a ele... de repente já não almoçava mais, eu já não tomava banho, eu não cortava mais as unhas, sai pra corta cabelo então nunca na vida, aí ele foi crescendo e devagarzinho a gente foi se adaptando, e passou as cólicas da madrugada...as primeiras eu chorava junto com ele...e o H. sentadinho do lado da cama...ele dizia calma amor, vai passar...”. (mãe D)*

A partir do seguinte relato nota-se que os homens mantêm seus espaços pessoais, em contrapartida, as mulheres ficam mais envolvidas com as tarefas da casa e com os filhos. Talvez eles não se sintam tão sobrecarregados porque preservam seus espaços de lazer.

*“o que ajuda muito na nossa convivência é saber respeitar os gostos, a minha esposa tem uma qualidade, eu tenho 34 anos e jogo videogame até hoje e vou jogar com 64, então enquanto ela vai assistir eu vou jogar...”. (pai D)*

Cabe destacar que nos genitores do casal C, não apareceram conflitos e dificuldades durante esse período de transição da conjugalidade para a parentalidade, o que é evidenciado a partir das seguintes frases:

*“é normal, é pai e mãe pela primeira vez, nunca a gente sabe de tudo né, sempre tem uma coisa nova pra gente aprender...”*. (pai C)

*“bem normal, bem tranquilo, pede pra fazer...faz numa boa...”*. (mãe C)

Estes resultados reforçam que cada casal possui uma dinâmica e não necessariamente, todos vivenciam esta transição como um período de crise. Por outro, pode ser apenas um dos casais onde o conflito não se evidenciou, pode-se pensar que talvez não tenha surgido no contexto da entrevista, se os genitores preocuparam-se com a desejabilidade social de suas respostas.

## 1.6.2 Coparentalidade

Esta categoria contempla questões referentes a como se vivencia entre os casais o apoio mútuo e o compartilhamento de cuidados, durante o período de inserção escolar precoce dos filhos à escola de educação infantil.

### 1.6.2.1 Apoio mútuo

Esta subcategoria compreende o auxílio entre os genitores no cuidado com os filhos.

No geral, entre os casais entrevistados parece haver uma reciprocidade de apoio mútuo, sendo que todos referiram a importância do diálogo nesse processo. Esse dado corrobora a literatura (Mosmann, Wagner, & Féres-Carneiro, 2006) que mostra que a comunicação é vista como facilitadora e essencial para adaptação dos papéis parentais às novas demandas.

*“...com bastante conversa...um apoia o outro no momento que não ta legal...”*. (mãe A)

*“...pela necessidade, nada determinado...é num consenso do dia-dia...na parceria mesmo, no diálogo”*. (pai A)

*“só mesmo assim quando a gente não ta bem...a gente diz, faça por favor que eu não to bem, ai o outro sempre compreende e faz”*. (pai C)

*“...de manhã assim, eu sempre fui de acordar cedo, então se ele acorda de manhã, eu que levanto com ele, as vezes no final de semana eu deixo a P dar uma descansada, que a rotina dela, eu sei assim...é muito desgastante”*. (pai B)

*“...eu sempre fui muito disposto assim, muito cooperativo...nunca me incomodei de fazer nada...pai tem que participar de tudo na criação...é uma ajuda mútua...ta com os filhos ali...é quase que automático...isso vai surgindo ao natural...”. (pai B)*

Esses dados acompanham os encontrados no estudo de Silva e Piccinini (2007), que mostraram que os pais podem ter um envolvimento e uma participação mais ampla com relação aos cuidados dos filhos, não se restringindo aos momentos de lazer e ao sustento financeiro, conforme apontado no estudo de Souza, Wagner, Branco e Reichert (2007).

Apesar de existir esse apoio, o estresse inerente ao trabalho pode contribuir para que surjam conflitos, uma vez que para os casais deste estudo, coincide a transição à parentalidade e a coparentalidade, e o período de inserção escolar dos filhos.

*“...daqui a pouco tu não ta legal né, naquele dia...vai falar de forma um pouco mais ríspida, então tu ta cansado, juntou uma função ou outra do trabalho...mas a gente sempre tenta chegar num consenso, as vezes lógico, tem atritos...tu tenta falar de uma forma que daqui a pouco não tem entendimento, ou seja, mas a pessoa também não ta legal...uma cara torta, um resmungado, mas nada de mais...”. (pai A)*

Entretanto, ainda que surjam conflitos, fica evidente a importância da comunicação para conseguir administrar as dificuldades que são inerentes a rotina das famílias.

Esse apoio mútuo aparece de forma menos intensa no casal D, o que fica evidente a partir da seguinte frase:

*“...não é exatamente igual, mas da pra dizer que é uns sessenta a quarenta...ela ocupa todas as tarefas quase do J é ela que faz, mas as vezes ali, tem alguma coisa que eu sei fazer, eu não deixo ela terminar, as vezes eu me meto fazer, vou lavar louça, botar a roupa em molho, tirar alguma coisa, então eu diminuo aquele ritmo de tarefas dela assim...ou ela me pede, troca o J e tal, eu troco, mas a maioria das tarefas é dela”. (pai D)*

Através dos relatos, percebe-se que os genitores conseguiram assumir as novas tarefas a partir da chegada do bebê e mudaram suas atribuições a partir da inserção escolar dos filhos. Nota-se que a inserção escolar dos filhos demandou maior apoio entre os genitores para fazer frente ao processo. Durante esse período, não aparecem conflitos relacionados ao apoio propriamente dito, como na transição à parentalidade e à coparentalidade. As discordâncias surgem no desenvolvimento diário das funções coparentais. O fato dos filhos permanecerem na escola em turno integral pode estar auxiliando os genitores no desempenho de uma coparentalidade mais funcional, uma vez que durante todo o dia a escola termina por assumir muitas das tarefas relacionadas à criança. Pode-se indicar, portanto, que existem bons níveis

de acordo coparental entre os casais, pois eles definem de mútuo entendimento o que cada um vai fazer.

#### 1.6.2.2 Compartilhamento de cuidados com os filhos

Esta subcategoria abrange os cuidados que ambos os genitores dispensam aos filhos durante o período de inserção escolar, e também como eles se organizam frente às novas demandas.

Assim como no estudo de Wagner, Predebon, Mosmann e Verza (2005), nesses casais também se observa uma relativa divisão de papéis, na qual pais e mães compartilham tarefas referentes à educação e organização do dia-a-dia dos filhos.

*“...eu vou buscar a V e a gente vai no mercado, eu e ela...sábado de manhã a V trabalha né, outro dia a gente saiu né, ou senão eu prolongo ou tento prolongar mais o sono dela, pra mim também aproveitar...dai eu dou uma comidinha pra ela, a gente sobe lá no vô e na vó, fica um pouquinho lá, depois volta comigo, ou senão fica lá né...ou a V sai, tem algum compromisso, fica comigo, eu tento brincar, distrair ela, senão subo lá com o vô...”.* (pai A)

*“...ontem a gente foi no médico junto, a V. não pôde por causa do trabalho, outro dia, sábado de manhã ela saiu comigo..”.* (pai A)

*“...de manhã eu dou o mama, ai o A acorda e vai fazer as coisas pra ele, vai se arruma, ai ele pega e troca a fralda...enquanto eu levanto...ajudo ele trocar a roupa, eu escolho a roupa...mas se acontecer ele vai ter que trocar...enquanto o A ta colocando a roupinha, eu faço o lanchinho, arrumo a malinha dele e o pai leva...”.* (mãe B)

*“a única coisa é lavar as roupinhas dela só, quem faz é a F, porque o resto, banho...comida, principalmente no sábado se eu ficar com ela né...”.* (pai C)

A partir dos relatos, pode-se observar que existe uma divisão igualitária com relação ao cuidado dos filhos na maior parte dos casais. Porém, há os que vai depender da necessidade. De acordo com o exposto, percebe-se a coexistência de modelos, como apontado pela literatura (Fleck, & Wagner, 2003), não predominando somente um tipo de estrutura.

*“...a maioria fica comigo né, só quando precisa, ele cuida dela se eu tenho que fazer alguma coisa, se tipo, ela ta acordada, vou tomar banho, ele que fica, ou tem que fazer um serviço da casa, ele que cuida enquanto eu faço, mas normalmente mama, comida, troca, é eu, mas ele me ajuda bastante quando precisa”.* (mãe C)

*“um pouco da convivência nossa reflete na forma como a gente cuida do nosso filho, porque tem essa divisão ali, não tão iguais, mas é satisfatório pra nós, e faz com que, as vezes ela ta cansada, eu fico com ele, as vezes é eu que não quero ficar com ele, ela fica...”*. (pai D)

*“...o H da banho no J todo dia, é o momento dos dois juntos...ir buscar e levar pro colégio sou sempre eu, porque meu horário é mais, mais flexível...comprar roupa, essas coisas sou sempre eu...mas eu acho que o J fica mais comigo do que com ele”*. (mãe D)

*“...eu não trabalho sábado de manhã, ela trabalha, então eu fico com ele...ele acorda, brinca, reclama um pouquinho, mama e dorme, dorme uma hora, daí levanta, eu levo ele comigo pro quarto assistir o jogo, assistir desenho, põem galinha pintadinha, ou se ele começa reclamar demais eu vou lá fora, levo da uma volta de carrinho na quadra...e domingo de manhã, geralmente a T fica com ele, eu vou jogar, quando ela não quer ir junto, daí ela acaba ficando, um no sábado de manhã, outro domingo de manhã”*. (pai D)

Identifica-se nas frases acima que enquanto as mulheres relatam sentir-se sobrecarregadas com o papel e as funções parentais, os homens lidam de forma aparentemente mais tranquila, uma vez que não se sentem afetados da mesma forma com as novas demandas parentais. Esses dados corroboram o estudo de Wagner, Predebon, Mosmann e Verza (2005), onde se encontrou que em 49% das famílias a mãe era a principal responsável pelos cuidados e a educação dos filhos, enquanto que em 51% das famílias caracterizou-se por uma divisão igualitária das tarefas entre pai e mãe.

A literatura (Bornholdt, Wagner, & Staudt, 2007; Badinter, 2011) tem apontado que ao mesmo tempo em que o pai deseja participar dos cuidados com os filhos e das atividades domésticas, e a mãe verbaliza esse desejo, muitas vezes, ela não permite a sua entrada nesse espaço. Nota-se que alguns casais deste estudo corroboram esses achados, enquanto outros contrariam esses resultados (Bornholdt, Wagner, & Staudt, 2007; Badinter, 2011), o que indica processo de mudanças nos atuais papéis, pois algumas mães ao perceberem que estão mais envolvidas com os cuidados dos filhos do que os pais e fazem um movimento para facilitar a entrada dos mesmos. Fator que vem a contribuir para um bom desenvolvimento da coparentalidade, o que se evidencia nas seguintes frases:

*“...as vezes eu vejo assim que...eu to cuidando mais dela...daí eu peço pra ele trocar, pra ter contato mais com ela...não que um dia ou outro, aí eu de novo, assim sabe, mas nada que saia uma guerra, não tranquilo”*. (mãe A)

*“eu e ele, os dois, a gente leva, busca, mais eu busco porque ele está em PF, então essa função é minha...quando ele está aqui ele busca, mas normalmente sou eu. E, quem leva, eu*

*tento deixar ele também, a gente tenta dividir pra ele participar também da vida do A”. (mãe B)*

A divisão dos cuidados com os filhos é relatada como satisfatória para todos os genitores. Entretanto cabe destacar que, enquanto para alguns casais já está definido o que cada um faz, para outros, vai depender da demanda, o que reforça a importância da flexibilidade de papéis e funções, e da comunicação para poderem trocar de tarefas de acordo com a necessidade.

Neste contexto, de duplo-trabalho e inserção escolar precoce dos filhos, os pais foram impelidos a dividir com as mães os cuidados referentes às crianças. Nota-se que os pais deste estudo, se mostraram envolvidos e participativos nas questões coparentais, o que pode estar demonstrando uma mudança na atualidade com relação aos papéis, uma vez que os genitores têm compartilhado essas tarefas, as quais eram vistas como de responsabilidade da mãe.

### 1.6.3 Divisão de Tarefas Domésticas

Esta categoria contempla os conteúdos referentes à forma como o par parental se organiza com a divisão de tarefas domésticas durante o processo de inserção escolar dos filhos.

Os resultados acompanham os estudos de Jablonski (2010) e Sutter e Maluschke (2008) de que os homens demonstram dificuldades em compartilhar de forma igualitária as tarefas domésticas, pois estas ainda são vivenciadas com muito estranhamento pelos mesmos (Sutter, & Maluschke, 2008). Os entrevistados dizem que dividem, mas identifica-se nas falas que isso acontece quando é necessário e/ou quando lhe pedem.

*“...mais específico, lavar roupa e passar roupa, eu já fico mais com a parte de lavar louça...”. (pai A)*

*“com a casa e também com a filha, da mesma forma que ela tem que ter responsabilidade, eu também tenho que ter, mas com a casa...eu limpo, roupa é parte dela...”. (pai C)*

*“quando precisa ele me ajuda...não chegamos assim a...conversar, você faz isso com ela, eu faço isso...”. (mãe C)*

*“...se ela me pedir, numa boa sempre faço, mas se deixar pra mim aquilo parado pra mim fazer, pode esquecer”. (pai D)*

*“...automaticamente, eu pelo menos sou muito parceiro...eu vejo que a V tá atolada...ta cansada né, bah tem que passa roupa, tem que limpar a casa, eu ajudo a limpa a casa, eu*

*varo a casa, passo pano, lavo roupa, louça, faço de um tudo né, foi desde que...a gente voltou pra casa do hospital...desde ali eu já peguei a louça pra mim...”. (pai A)*

Algumas mulheres desta pesquisa ainda continuam assumindo mais tarefas de alta frequência e com horário fixo, como apontado no estudo de Vanalli e Barham (2012), enquanto outras dividem mais as tarefas com os cônjuges.

*“é uma rotina bem turbulenta...como ele trabalha em PF, a gente tem que fazer tudo meio correndo de manhã, então eu levanto e é essa correria, arrumo ele, dou mama, as vezes eu levo...se eu estou em casa, estou organizando a casa. Aí ele chega, faz almoço, essas coisas, mas é bem agitada”. (mãe B)*

*“...normalmente é mais porque o pai chega antes em casa, aí ele já vai fazendo, ou já deixa o almoço pronto pro outro dia. Como eu chego as sete e ele as cinco, dividimos, ele limpa a casa, eu lavo roupa, e dividimos as tarefas”. (mãe C)*

A divisão de tarefas domésticas também exige readaptação e flexibilidade por parte do casal, para que não seja mais um fator a contribuir e agravar os desafios vivenciados neste momento. A fala a seguir demonstra essa necessidade:

*“...tem um dia que tu tá mais cansada, as vezes o F ele lava mais louça, que ele brinca assim, a louça tá com saudades de ti...dai eu brinco...tem um monte de roupa lá que tá lá pra passar...que tá lá pra lavar, e ninguém tá reclamando...”. (mãe A)*

Esses dados coincidem com os resultados encontrados pelos autores Vanalli e Barham (2012) e Souza, Wagner, Branco e Reichert (2007), em que as mães relatam dedicar o dobro do tempo que os pais às atividades da casa e ao cuidado dos filhos, relatando grande sobrecarga. Enquanto que os pais se envolvem mais com o lazer e outras atividades nos finais de semana.

No seguinte casal fica evidente a coexistência da suposta divisão. Também surgem as questões relacionadas aos papéis de gênero, em que predomina a concepção tradicional de família, onde a mulher é quem deve se dedicar aos cuidados do lar. Porém, com a diferença de que o homem não é o único provedor financeiro.

*“a mãe troca fralda, faz mama, lava roupa, estende roupa, recolhe roupa, arruma mochila, confere a agenda, a mãe, a mãe briga”. (mãe D)*

*“...eu troco o J...ele mama enquanto eu tomo café...o pai...sai...pra trabalhar e eu fico com o pequeno...arrumo a mochila...e a gente vai pra escola. Eu saio...do serviço, venho pra casa, encaminho o almoço, esquento, arrumo a mesa, mulher, lavo roupa, estendo, almoço e vou ficar com ele na escola”. (mãe D)*

*“eu homem lavo a louça e assisto o esporte”. (pai D)*

*“...se tem a roupa pra lavar, claro, homem, geneticamente, acho que eles não enxergam o serviço...”. (mãe D)*

O fato dos pais estarem mais envolvidos e participativos no cuidado com os filhos, não tem relação direta com uma maior apropriação também da vida doméstica, pois parece que os homens ainda seguem modelos tradicionais com relação aos serviços da casa. Sendo que em alguns momentos, os homens fazem uma distinção de quais são as tarefas das mulheres e quais são as dos homens.

Embora a transição para a parentalidade e a coparentalidade apresente suas dificuldades e alguns conflitos, com relação ao cuidado com os filhos, parece estar havendo uma divisão mais igualitária e um maior acordo coparental. Entretanto, com relação às tarefas domésticas existe uma divisão ainda não igualitária, mas que é relatada pelos participantes deste estudo como satisfatória, o que reforça os estudos que mostram que essas tarefas ainda são mais delegadas e assumidas pelas mulheres, especialmente as de alta frequência e rotineiras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo do presente trabalho foi o de analisar como se dá a transição para parentalidade e a coparentalidade em casais que os filhos ingressaram à escola de educação infantil, logo após o término da licença maternidade. Justifica-se sua relevância devido à escassez de estudos nacionais voltados à importância da coparentalidade para o desenvolvimento dos filhos. E também, devido ao enfoque majoritário dado às pesquisas à coparentalidade após o divórcio. Considera-se que o período de inserção escolar dos filhos tem sido adiantado, o que gera uma sobreposição de duas etapas do ciclo evolutivo familiar, pois os genitores além de se adaptarem a parentalidade, precisam negociar seus papéis e funções coparentais.

Considerando as vivências relatadas pelos casais deste estudo, identifica-se um descompasso nas percepções de homens e mulheres. As mães deste estudo relataram que se sentiram mais sobrecarregadas com as novas tarefas e funções referentes ao período de transição para parentalidade, o que gerou algumas dificuldades para elas. Por outro lado, os pais não relataram compartilhar desta mesma sobrecarga. Talvez, em função de os pais

conseguirem manter seus espaços de lazer, e as mães se colocarem como responsáveis por dar conta de todas as demandas.

Já com relação ao compartilhamento de cuidados dos filhos, identifica-se que existe uma maior divisão entre os genitores. Os relatos indicam que a divisão ocorre de acordo com a necessidade, entretanto, pode-se questionar também se as mães deixam que os pais participem ativamente. Cabe destacar que neste estudo, já se observa uma mudança nesse sentido, uma vez que algumas mães ao se perceberem passando mais tempo com os filhos delegam alguns cuidados aos pais. Parece que a inserção escolar precoce dos filhos à escola de educação infantil, a questão do duplo-trabalho e a impossibilidade de assumir tudo, as impele a fazer este movimento.

Em contrapartida, nas tarefas domésticas ainda existe menos divisão entre os casais desta pesquisa, sendo que algumas tarefas permanecem vinculadas ao papel de gênero. Nota-se que os homens têm se empenhado no envolvimento e desempenho dos papéis e funções coparentais, permanecendo ainda com certo estranhamento e distanciamento das tarefas do lar.

Estes resultados, ainda que referentes a um número pequeno de participantes parecem indicar algumas mudanças na atualidade que tem seus reflexos na dinâmica familiar. Cabe ressaltar que apesar das dificuldades e conflitos vivenciados durante esse período de transição à parentalidade e à coparentalidade, unidas às questões de duplo-trabalho e inserção escolar dos filhos, os genitores desta pesquisa apresentaram capacidade de adaptabilidade e bons níveis de acordo coparental.

Pode-se questionar se estes resultados referem-se à desejabilidade social, uma vez que a literatura sustenta este período do ciclo vital como de crise que tende a se refletir em uma diminuição nos níveis de funcionalidade. Nos casais entrevistados, não houve diferença entre o conteúdo das entrevistas conjugal e individual de cada cônjuge. Por outro lado, cabe ressaltar a dificuldade em conseguir casais que atendessem aos critérios de inclusão e exclusão, e demonstrassem interesse em participar desta pesquisa. Pode-se pensar que estes que assentiram em participar não estejam com tanta dificuldade de fazer frente às demandas deste período.

Os resultados do presente estudo, desde uma abordagem qualitativa, permitiu uma aproximação com a realidade destes casais, que apontou indícios de mudanças no desempenho da coparentalidade nestes pares parentais. Sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas, contemplando um número maior de casais, desde uma perspectiva quantitativa,

auxiliando no mapeamento das características da dinâmica conjugal e coparental nesta etapa de transição para parentalidade e coparentalidade tão carente de estudos no contexto brasileiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ahrons, C. R. (1981). The Continuing coparental relationship between divorced spouses. *American Orthopsychiatric*, 51(3), 415-428.

Badinter, E. (2011). *O Conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Record.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Beltrame, G. R., & Bottoli, C. (2010). Retratos do envolvimento paterno na atualidade. *Barbarói*, 32, 205-226.

Bornholdt, E. A., Wagner, A., & Staudt, A. C. P. (2007). A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica. Rio de Janeiro*, 19(1), 75-92.

Bustamante, V., & Trad, L. A. B. (2005). Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. *Cadernos de Saúde Pública*, 21(6), 1865-1874.

Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma Estrutura para Terapia Familiar In Carter, B., McGoldrick, M., & Colaboradores. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma Estrutura para Terapia Familiar*. (2ª Ed.). 7-29. Porto Alegre: Artmed.

Cooper, C. L., & Lewis, S. (2000). *E agora, trabalho ou família? Pais e mães que trabalham fora aprendem como enfrentar as sobrecargas profissionais e familiares do dia-a-dia*. (1ª Ed.). 61-81. São Paulo: Tâmis.

Faria, C. A. P. (2002). Entre Marido e Mulher o Estado Mete a Colher: reconfigurando a divisão do trabalho doméstico na Suécia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(48).

Feinberg, M. E. (2003). The internal Structure and Ecological Context of Coparenting: A Framework for Research and Intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3(2), 95-131.

Fleck, A., & Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 31-38.

- Freitas, W. M. F., Silva, A. T. M. C., Coelho, E. A. C., Guedes, R. N., & Costa, A. M. T. (2009). Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor *Revista de Saúde Pública*, 43(1), 85-90.
- Frizzo, G. B., Kreutz, C. M., Schimidt, C., Piccinini, C. A., & Bosa, C. (2005). O conceito de coparentalidade e suas implicações para pesquisa e para clínica. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15(3), 84-94.
- Gabriel, M. R., & Dias, A. C. G. (2011). Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, 16(3), 253-261.
- Gomes, A. J. S., & Resende, V. R. (2004). O Pai Presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 119-125.
- Grzybowski, L. S., & Wagner, A. (2010). Casa do Pai, Casa da Mãe: A Coparentalidade após o Divórcio. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 77-87.
- Hernandez, J. A. E., & Hutz, C. S. (2009). Transição para a parentalidade: ajustamento conjugal e emocional. *Psico, Porto Alegre, PUCRS*, 40(4), 414-421.
- Ihinger-Tallman, M., Pasley, K., & Beuhler, C. (1995). Developing a middle-range theory of father involvement postdivorce. In W. Marsiglio (Ed.), *Fatherhood: contemporary theory, research, and social policy. Research on men and masculinities series, 7*, 57-77. Thousand Oaks, CA, USA. Sage Publications, Inc.
- Lamela, D., Costa, R. N., & Figueiredo, B. (2010). Modelos Teóricos das Relações Coparentais: revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, 15(1), 205-216.
- Menezes, C. C., & Lopes, R. C. S. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até dezoito meses do bebê. *Psico-USF*, 12(1), 83-93.
- McHale, J. P. (1995). Coparenting and triadic interactions during infancy: the roles of marital distress and child gender. *Developmental Psychology*, 31(6), 985-996.
- McHale, J. P., Kuersten-Hogan, R., & Rao, N. (2004). Growing Points for Coparenting Theory and Research. *Journal of Adult Development*, 11(3), 221-234.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325.
- Mosmann, C., Einsfeld, P., Silva, A. M., & Terres-Trindade, M. (2012). *Trabalho apresentado no Segundo Congresso de Iniciação Científica e Pós-Graduação (CICPG), São Leopoldo, RS*. Interação conjugal, coparental, parental e sintomas internalizantes e externalizantes dos filhos: resultados preliminares.
- Mullett, E. & Stolberg, A. (1999). The development of the Coparenting Behaviors Questionnaire: An instrument for children of divorce. *Journal of Divorce & Remarriage*, 31, 115-137.

- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia Familiar: conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artmed.
- Pinheiro, L., Galiza, M., & Fontoura, N. (2009). Novos Arranjos Familiares, Velhas Convenções Sociais de Gênero: a licença-parental como política pública para lidar com essas tensões. *Estudos Feministas, Florianópolis, 17*(3), 851-859.
- Prati, L. E., & Koller, S. H. (2011). Relacionamento Conjugal e Transição para a Coparentalidade: Perspectiva da Psicologia Positiva. *Psicologia Clínica, 23*(1), 103-118.
- Ríos-González, J. A. R. (2005). *Los ciclos vitales de la familia y la pareja. ¿Crisis u oportunidades?* Editorial CCS, Madrid.
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia, 24*(4), 561-573.
- Sutter, C., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008). Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico, Porto Alegre, PUCRS, 39*(1), 74-82.
- Souza, N. H. S., Wagner, A., Branco, B. M., & Reichert, C. B. (2007). Famílias com casais de dupla carreira e filhos em idade escolar: estudos de casos. *Aletheia, 26*, 109-121.
- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em Tempos de Mudança. *Psicologia: Teoria e Prática, 10*(1), 174-185.
- Van Egeren, L. A., & Hawkins, D. P. (2004). Coming to Terms With Coparenting: Implications of Definition and Measurement. *Journal of Adult Development, 11*(3), 165-181.
- Vanalli, A. C. G., & Barham, E. J. (2012). Após a licença maternidade: a percepção de professoras sobre a divisão das demandas familiares. *Psicologia & Sociedade, 24*(1), 130-138.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 21*(2), 181-186.
- Wagner, A., [et al.]. (2011). *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões*. Porto Alegre: Artmed.

## **Seção II – Artigo Empírico**

### **A Coparentalidade em Famílias de Bebês com Indicativos de Dificuldades de Inserção Escolar Precoce.**

#### **RESUMO**

No presente estudo, objetivou-se analisar a coparentalidade no processo de inserção escolar precoce de bebês entre 3 a 8 meses de idade, com indicativos de dificuldades de inserção escolar à Escola de Educação Infantil. Foi realizado um estudo de delineamento exploratório e descritivo, com método de análise de dados qualitativo – análise de conteúdo. Participaram quatro famílias nucleares, com genitores com idades entre 26 e 40 anos, em que os filhos haviam ingressado na escola de educação infantil, logo após o término da licença maternidade. Os instrumentos utilizados foram: questionário de dados sociodemográficos, roteiro e entrevista semiestruturada sobre coparentalidade. Os resultados apontam mudanças da atualidade que tem reflexos neste momento, como o fato da família ter dificuldades para encontrar uma rede de apoio, e a valorização dos ingressos financeiros das mulheres, por isso inserem precocemente os filhos à escola. No que se refere à coparentalidade, se destacam uma participação efetiva dos genitores em relação à divisão de tarefas e compartilhamento de cuidados com os filhos. Entretanto, no processo de inserção escolar, ainda são as mães as principais participantes, apontando uma heterogeneidade nestes processos.

**Palavras-chave:** Inserção Escolar. Coparentalidade. Escola de Educação Infantil.

#### **ABSTRACT**

### **The Coparenting in Families With Babies who Have Indicatives of Early School Insertion Difficulties.**

In the present study aimed to analyze the coparenting in the process of early school entry of babies between 3 and 8 months of age, with indicative of integration difficulties to the Preschool. An exploratory and descriptive study was made, with qualitative data analysis and content analysis. The participants were four nuclear families with genitors aged between 26 and 40 years, where the children had entered school in kindergarten, right after the end of maternity leave. The instruments used were: sociodemographic questionnaire, semistructured script and interview about coparenting. The results show changes of the present time that have an impact in this moment, such as the difficulty for the family to find a support network, the valuation of financial income of women, and for these reasons enroll children to school earlier. Regarding the coparenting, stand out the effective participation of the genitors in relation to the division of tasks and the sharing of child care. However, in the process of school integration, mothers are still the main participants, indicating heterogeneity in these processes.

**Keywords:** School Insertion. Coparenting. Preschool.

## INTRODUÇÃO

A partir da revolução industrial as modificações sociais, verificadas em decorrência das novas, e em constantes transformações, estruturas de trabalho, afetaram profundamente a organização familiar e provocou o deslocamento da figura materna, presente unicamente no contexto interno do lar, para inserir-se externamente, ao trabalhar fora. Os reflexos foram muito significativos, já que o modelo de família preconizado girava em torno da mulher no que se refere aos cuidados da casa e dos filhos, eximindo, na maior parte das vezes, o marido de responsabilidades domésticas e, especialmente, com as crianças (Rizzo, 2010; Rossetti-Ferreira, Amorim, & Vitória, 1994).

Culturalmente, os cuidados maternos vieram sendo assumidos como os melhores para os filhos, e, historicamente, construiu-se a ideia de que a função da mulher era exclusivamente cuidar do lar e de sua prole. Quando as mulheres passam a trabalhar fora, seja por desejo próprio e/ou por necessidade, ou para estudar, os cuidados com sua casa e com sua família acabaram sendo delegados, pelo menos em parte, a outras pessoas.

Atualmente, não só a mãe de camadas mais baixas da população procura trabalho como recurso para aumentar a renda familiar e se afasta, por esse motivo, do convívio dos seus filhos. Também a mulher de classe média busca a inserção profissional como fonte de renda e/ou de realização pessoal, novos valores da sociedade que se tornaram importantes também para elas (Weber, Santos, Becker, & Santos, 2006). De acordo com Rapoport (2008), mesmo entre as mães que não trabalham fora algumas têm escolhido colocar o bebê na escola de educação infantil. Esta busca nem sempre é exclusivamente para o cuidado, mas também para socialização e aprendizagem do bebê e da criança pequena (Rapoport, & Piccinini, 2004). Além disso, estima-se que estas mães se sintam, por vezes, sobrecarregadas com as tarefas domésticas e as relacionadas à maternidade, podendo ver na escola de educação infantil uma oportunidade para satisfazer sua necessidade de obter um tempo para dedicar-se para si.

Soma-se a isso, o fato de que os cuidados alternativos vêm assumindo um importante papel na vida de pais e mães, uma vez que, além da rotina de trabalho ser intensa para ambos, atualmente, dificilmente podem contar com rede de apoio (Seabra, 2007). Necessitam, então, delegar um compartilhamento das funções de cuidados básicos e educação formal a outras instâncias mais precocemente do que ocorria em outros momentos históricos (Levy, & Jonathan, 2010). Este movimento vem antecipando cronologicamente uma etapa de crise

evolutiva vital das famílias, já que as crianças estão entrando mais cedo à escola, o que pode ser denominado como inserção escolar precoce.

Na literatura, não existe consenso com relação ao processo de inserção escolar, tanto em termos de definição quanto à caracterização desse período. Para Vitória e Rossetti-Ferreira (1993), pesquisadoras brasileiras, o processo de inserção escolar se inicia desde o momento em que se estabelece o primeiro contato da escola com a família. A maneira como a família se relacionará com o novo e estranho ambiente será influenciado por essas primeiras impressões. Essas autoras ressaltam que esse processo de inserção não se resume aos primeiros dias, podendo vir a durar meses e só se completar quando a criança, a família e o educador estiverem interagindo de forma integrada na escola de educação infantil. Já para os norte-americanos Bloom-Feshbach e Gaughram (1980) envolve desde o momento de chegada até o final do primeiro mês, ou segundo Rodriguez (1981) pode ter duração de três a seis meses após o ingresso. Neste artigo, será considerado como processo de inserção escolar o período que compreende a inserção do bebê à escola, até o final do terceiro mês.

Este processo vem tornando-se cada vez mais precoce, também devido à exiguidade dos espaços e moradias urbanas, acrescida da indisponibilidade de tempo de avós e tias. Estas, que no início do século habitavam a casa grande junto à família e participavam dos afazeres domésticos, da guarda ou educação das crianças, e que hoje estão incorporadas à população ativa (Rizzo, 2010; Gravena, 2006; Dessen, & Braz, 2000). Identifica-se então, uma dimensão importante na contextualização deste fenômeno, uma vez que se sabe da relevância do suporte da rede de apoio à família e ao indivíduo no enfrentamento de transições normativas e não normativas no processo de desenvolvimento. Durante transições normativas decorrentes do nascimento dos filhos e atualmente em sua inserção escolar precoce, reforça-se a necessidade de familiares e da comunidade para auxiliar os genitores a atravessar este processo com maiores níveis de saúde (Possatti, & Diaz, 2002; Dessen, & Braz, 2000).

Neste cenário, o pai tem sido demandado a ser mais participante nas questões ligadas à parentalidade. Ampliou-se seu papel de provedor reprodutivo e financeiro para um pai mais envolvido no cuidado com os filhos e nas tarefas domésticas. Este envolvimento efetivo é considerado fonte fundamental de apoio, especialmente para mães que possuem jornada dupla de trabalho, exercendo atividades domésticas e fora do lar (Gravena, 2006).

Conseqüentemente, em famílias nucleares o par parental vem sendo, com maior frequência, solicitado a comparecer e acompanhar a criança na escola durante o processo de inserção escolar, tarefa antes desempenhada somente pela mãe. O pai torna-se essencial neste

processo, uma vez que a mãe também está envolvida com suas questões profissionais e a escola de educação infantil precisa da colaboração da família para propiciar um ambiente adequado para o bebê (Gabriel, 2012).

Um dos aspectos relevantes na adaptação do par parental às novas funções concernentes ao período de inserção escolar é a sincronia na divisão das tarefas educacionais, que compõe o conceito de coparentalidade. Este abrange a coordenação de dois adultos no cuidado e desenvolvimento de uma criança (McHale, Kuersten-Hogan, & Rao, 2004). A aliança coparental é apontada pelas pesquisas como um dos elementos essenciais para funcionalidade sistêmica da família, bem como pode ser associada a trajetória (des)adaptadas das crianças (Lamela, Nunes-Costa, & Figueiredo, 2010).

Com objetivo de analisar as associações entre a conjugalidade, a parentalidade, a coparentalidade e possíveis reverberações em sintomas psicológicos dos filhos, Mosmann, Einsfeld, Silva, e Terres-Trindade (2012) realizaram um estudo com 65 famílias intactas e os resultados preliminares indicaram que bons níveis de acordo coparental ( $p < 0,01$ ;  $r = 0,404$ ) se associaram a menores índices de sintomas dos filhos. Por outro lado, baixos níveis de acordo ( $p < 0,01$ ;  $r = 0,487$ ) e suporte coparental ( $p < 0,01$ ;  $r = 0,348$ ), se correlacionam a um aumento dos sintomas externalizantes. Enquanto que, um alto nível de competição coparental ( $p < 0,01$ ;  $r = 0,450$ ) e exposição ao conflito coparental ( $p < 0,01$ ;  $r = 0,500$ ), geram um aumento de sintomas internalizantes, bem como o baixo nível de acordo coparental, tem o mesmo efeito. Estes resultados indicam a importância dos casais terem capacidade de negociar suas práticas coparentais, assim como apoiar-se e sustentar-se mutuamente. Por outro lado, casais com maiores níveis de conflito coparental tendem a expor suas discordâncias coparentais e conseqüentemente competir nestas funções. Estes achados apontam para a complexidade das interações conjugais e coparentais que se refletem no desenvolvimento e ajustamento psicológico dos filhos.

Assumindo-se então, a importância da coparentalidade no desenvolvimento dos filhos, questiona-se como ela se expressa no período de inserção escolar precoce?

Neste sentido, identifica-se uma lacuna nos estudos no contexto nacional e internacional sobre a inserção das crianças à escola que enfoquem o papel do par parental. As pesquisas investigam majoritariamente as relações entre as mães, as crianças e as cuidadoras, e apontam como principais conclusões que a qualidade do processo está relacionada com a forma como a mãe lida com este momento (Silva, Fernandes, Veríssimo, Shin, Vaughn, & Bost, 2008; Bonds, & Gondoli, 2007; Almeida, 2006; Lopes, Alfaya, Machado, & Piccinini,

2005; Veríssimo, Alves, Monteiro, & Oliveira, 2003; Mondin, 2005). Estudos nacionais (Vitória, & Rossetti-Ferreira, 1993; Rapoport, 2008) ressaltam que a maneira como a família, em especial a mãe, lida com a entrada da criança à escola de educação infantil, tem impacto sobre a reação da criança à inserção, pois muitas das emoções que os filhos identificam na genitora são expressas em seu comportamento.

Segundo Rizzo (2010), quando a mãe e a criança enfrentam muitas dificuldades em afastar-se, o que pode indicar falta de segurança emocional ou segurança afetiva na relação, ela sofre muito e tende a somatizar, podendo apresentar sintomas físicos como: febre, vômitos, diarreias, tosse nervosa, bronquite de fundo nervoso e alergias. Outros indicativos de dificuldades relacionadas à inserção escolar são o fato de a criança apresentar por um período igual, ou superior a três meses, as seguintes características: problemas de sono, relacionados à alimentação, ataques de raiva e/ou choro, chupar o dedo, ficar dependente de um brinquedo e/ou mamadeira e ter pesadelos (Brazelton, 1994). Também a resistência do bebê para ir embora ao final do dia deve ser considerada. Algumas vezes, pais e educadoras interpretam como um sinal de que o bebê está gostando de ficar na escola de educação infantil, quando pode ser o contrário, uma demonstração de sofrimento por parte deste (Rodriguez, 1981). Todos esses sintomas devem nos alertar para possíveis desajustamentos da criança à nova situação, mesmo que ela não apresente choro na escola de educação infantil.

É possível também, que o grande investimento emocional que a criança realiza durante esse período a torne menos resistente a infecções. Alguns pediatras suspeitam do alto índice de doenças apresentado na época do ingresso na escola de educação infantil, contudo, outros fatores não podem ser ignorados, como: primeira exposição da criança a grupos estranhos maiores e baixa idade da criança à escola de educação infantil, que corresponde a um menor grau de resistência imunológica (Andrade, & Rodrigues, 2005). De qualquer forma, Rizzo (2010) refere que os pais devem estar informados da possibilidade de seu filho adoecer durante o período de inserção e de como é importante observá-lo para distinguir com segurança a causa real da enfermidade. Porém aponta que a mãe, principalmente, deve ser esclarecida sobre todos os problemas esperados da inserção escolar precoce e qual o seu papel como agente ativo nesse processo.

Weber, Santos, Becker e Santos (2006) buscaram identificar através de um questionário com perguntas abertas e fechadas, os motivos e sentimentos de 67 mães provenientes de níveis socioeconômicos distintos, que deixavam seus filhos em escolas de educação infantil. Os dados revelaram que deixar os filhos nestas instituições, ainda provoca

um forte conflito. O fato de ter que optar, principalmente se por necessidade, em deixar o filho em escolas de educação infantil, traz consequências positivas como realização profissional e/ou remuneração financeira para estas mulheres. Porém, o cuidado dos filhos, por outros que não a mãe, ainda é visto culturalmente como inadequado e passível de consequências negativas ao desenvolvimento da criança. Estas concepções terminam por provocar sentimentos de medo e insegurança na maioria das mães que participaram da pesquisa. Cabe ressaltar a ainda existente cobrança por parte da sociedade, que a mulher volte a exercer sua função de mãe e dona de casa integralmente, que pode estar associado a este conflito e o sentimento de culpa dessas mães, uma vez que estas mulheres aprenderam que os cuidados maternos são insubstituíveis (Badinter, 2011).

Os resultados destes estudos sustentam o ingresso na escola como um período de crise, ainda que o foco seja no papel da mãe neste momento, assume-se desde uma perspectiva sistêmica que esses processos demandam uma readaptação de papéis e funções também da figura paterna, e em especial do par parental (Ríos-González, 2005). Se essa reorganização ocorre com menores níveis de funcionalidade, em se tratando de bebês, os sintomas tendem a ser psicossomáticos (Minuchin, Nichols, & Lee, 2009).

Essas reações durante a inserção podem variar, visto que dependem da idade, do tipo de relacionamento entre ela e seus pais, da maneira como estes concebem a escola de educação infantil e de como a criança será recepcionada e acolhida por esta (Vitória, & Rossetti-Ferreira, 1993). O par parental precisa enfrentar conflitos, emoções difíceis e desconfortáveis ao se separarem dos seus filhos, para os quais os genitores geralmente, não estão preparados. É comum sentirem-se inseguros e desconfiados, ainda mais quando se trata do primeiro filho e ainda bebê. Às vezes é mais difícil para os pais se separarem do bebê do que para o bebê se adaptar ao ambiente da escola de educação infantil (Rapoport, 2008). Estas dificuldades podem se amplificar somadas ao fato de que muitos genitores terminam por não participar conjuntamente do processo de inserção escolar de seus filhos, embora já em 2001a Rapoport e Piccinini tenham apontado a importância de ambos os pais participarem durante o período de inserção escolar visando auxiliar no estabelecimento de vínculos com os educadores e outras crianças.

Em pesquisa realizada com 41 educadoras de escolas de educação infantil de Porto Alegre, com objetivo de examinar como educadoras de escolas municipais e particulares caracterizavam a inserção de bebês de 4-5 meses e 8-9 meses, Rapoport e Piccinini (2001b) observaram que apenas um terço destas enfatiza a importância dos genitores permanecerem

nos primeiros dias. Ou seja, a presença de um familiar não é procedimento usual para todas as escolas de educação infantil. Além disso, identifica-se que algumas famílias resistem a fazer o processo de inserção, alegando que não tem tempo, ou não podem devido ao trabalho. Faz-se necessário considerar as dificuldades das escolas para encontrar algum familiar com tempo, principalmente os genitores, para ser esta referência de que a criança precisa, uma vez que a grande maioria está envolvida com o trabalho.

Neste contexto, identificam-se os inúmeros desafios a serem enfrentados pelas famílias nucleares no momento da entrada dos filhos à escola de educação infantil na atualidade. A escassez de rede social de apoio, somada às múltiplas demandas profissionais e pessoais das mães invocaram maior participação do pai, anteciparam este momento e conferiram ainda mais complexidade a este período de crise do ciclo evolutivo vital familiar. A articulação entre estas relações pode se expressar em dificuldades dos filhos neste momento. Desta forma o presente artigo objetivou analisar a coparentalidade no processo de inserção escolar precoce de bebês entre 3 e 8 meses de idade, com indicativos de dificuldades de ingresso à Escola de Educação Infantil.

## 2.MÉTODO

### 2.1 DELINEAMENTO

Foi realizado um estudo de delineamento exploratório e descritivo, com método de análise de dados qualitativo, através da análise de conteúdo (Bardin, 1977).

### 2.2 PARTICIPANTES

Participaram deste estudo quatro casais de duplo-trabalho, com idades entre 26 e 40 anos, com filhos que ingressaram na escola de educação infantil logo após o término da licença maternidade, e que estavam apresentando, segundo a escola, dificuldades na inserção escolar.

Os critérios de inclusão foram: famílias nucleares e casais de duplo-trabalho, com filhos que tivessem ingressado na escola de educação infantil logo após o término da licença maternidade e que estivessem apresentando dificuldades de inserção escolar.

**Tabela 1 – Caracterização das Famílias**

	CASAL A		CASAL B		CASAL C		CASAL D	
	MÃE	PAI	MÃE	PAI	MÃE	PAI	MÃE	PAI
Idade	37	28	33	40	31	26	26	34
Profissão	Pedagoga	Gestor Industrial	Professora	Policial Militar	-	-	-	-
Ocupação atual	Auxiliar Administrativa	Bancário	Professora de Ed. Infantil	Capitão da Brigada Militar	Balconista	Auxiliar de Produção	Vendedora Materiais de Construção	Torneiro Mecânico
Jornada de trabalho	44 horas	30 horas	40 horas	40 horas	44 horas	40 horas	44 horas	40 horas
Escolaridade	Graduação Completa	Graduação Completa	Pós-Graduação Completa	Graduação Completa	Ensino Médio Completo	Ensino Médio Completo	Graduação incompleta	Graduação Completa
1ª/2ª União	1ª União	1ª União	1ª União	2ª União	1ª União	1ª União	2ª União	2ª União
Situação conjugal	União Estável		Casados		União Estável		União Estável	
Número de filhos	1		2		1		1	
Idade dos filhos	8 meses		filha - 4 anos e 8 meses / filho 8 meses		7 meses		8 meses	
Ingresso na Escola de Educação Infantil	4 meses		6 meses		5 meses		2 meses	
Turno	Integral		Integral		Integral		Integral	

Amamentação	Sim	Não	Não	Sim
Período de Licença Maternidade	4 meses	4 meses	4 meses	4 meses
Indicativos de Dificuldades de Inserção Escolar	Problemas de sono - Ataques de raiva - Dependência de algum objeto/ brinquedo – boneca	Problemas de Sono	Dependência de algum objeto/brinquedo - bico	Chupa o dedo - No dia da entrevista o bebê teve diarreia enquanto estava na Escola

Os casais participantes desta pesquisa apresentam idades entre 26 e 40 anos, sendo que todos possuem vínculo empregatício, com jornada de trabalho a partir de 30 horas semanais, em sua maior parte com graduação completa. No que se refere a situação conjugal, três dos quatro casais vivem em união estável, sendo somente um em segunda união. As crianças que estavam em inserção escolar, tinham idades entre sete e oito meses, sendo que os mesmos ingressaram na escola com menos de seis meses e nesta permaneciam em turno integral. O período de licença maternidade das genitoras correspondeu aos quatro meses, sendo que duas delas amamentavam no momento da inserção escolar.

### 2.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada a partir de contato com Escolas Particulares do Município de Erechim/RS, as quais indicaram as famílias que estavam passando por dificuldades no processo de inserção escolar. A pesquisadora contatou essas famílias e as convidou a participarem da pesquisa. Uma vez aceite o convite foi agendada uma entrevista no local de maior conveniência a família, podendo ser na sua residência ou no consultório da pesquisadora.

Primeiramente, foi realizada uma entrevista com os dois genitores e, ao final desta, foi agendado um novo encontro individualmente com cada genitor, quando foi repetida a mesma entrevista. Justifica-se a escolha deste segundo momento individual visando oportunizar que os cônjuges, separadamente, se sentissem mais a vontade para avaliar às dificuldades associadas à coparentalidade, em relação ao seu cônjuge, e ao processo de inserção escolar de seus filhos.

### 2.4 INSTRUMENTOS

Como instrumentos foram utilizados:

Ficha de dados sociodemográficos – buscou levantar dados sociodemográficos sobre os genitores e também sobre as crianças que apresentavam dificuldades de inserção escolar.

Entrevista sobre coparentalidade: foi utilizado o roteiro para entrevista sobre coparentalidade desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Transtorno do Desenvolvimento, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (NIEPED, 2006). A entrevista foi adaptada aos objetivos do presente estudo enfocando à inserção escolar. Esta se constituiu de 18 perguntas, separadas por 8 dimensões: pergunta introdutória; parentalidade; relacionamento com o filho (a); apoio mútuo; compartilhamento de cuidados; práticas educativas/valores/expectativas; engajamento em atividades com o filho (a); engajamento em atividades com a família.

## 2.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente, transcritas e analisadas através do método da análise de conteúdo (Bardin, 1977), que propõe organizar o material das entrevistas por meio das seguintes etapas sequenciais:

Durante a pré-análise, o pesquisador se deixa invadir por impressões, de modo a tomar conhecimento das verbalizações dos pesquisados. Na exploração do material, foram efetuados recortes a partir de unidades de registro, conforme os eixos da entrevista, segundo sentido ou significado, lendo-as inúmeras vezes e juntando as que se aproximam em seu significado, agrupando dados comuns.

Já o tratamento dos resultados, a inferência e interpretação se deram quando as categorias já estavam construídas. Os conteúdos foram compreendidos a partir da Teoria Sistêmica (Wagner, et al., 2011).

## 2.6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados a partir de um eixo temático denominado inserção escolar e de categorias, elaboradas a partir da análise de conteúdo das entrevistas realizadas com os genitores. Cada categoria será discutida teoricamente, com a utilização de falas dos participantes, exemplificando o tema específico de cada uma delas.

**Tabela 2 – Estrutura das Categorias**

<b>Eixo Temático</b>	<b>Categorias</b>
<b>Inserção Escolar</b>	Motivos da inserção escolar precoce. Rede de apoio. Sentimentos dos genitores. Reações frente às dificuldades de inserção escolar. Indicativos de dificuldades de inserção escolar dos filhos. Coparentalidade na inserção escolar. Inclusão dos pais à escola.

### 2.6.1 Inserção Escolar

Neste eixo, identificaram-se as questões referentes ao período de inserção escolar dos filhos.

### 2.6.2 Motivos da Inserção Escolar Precoce

Esta categoria abrange os motivos que levaram os pais a inserir a criança na escola de educação infantil precocemente. De acordo com o postulado pela literatura (Rodriguez, 1981) e também considerado por esse estudo, esse processo de inserção escolar compreende a entrada do bebê à escola, até o final do terceiro mês.

De acordo com a literatura, são vários os fatores que levam os pais a inserir precocemente os filhos à escola de educação infantil. Os motivos, geralmente se dão em função da mulher estar inserida no mercado de trabalho, em busca de realização profissional e/ou para aumentar a renda familiar. Também podendo ser dar entre aquelas que não trabalham fora, mas que se veem sobrecarregadas com as tarefas do lar e as ligadas à maternidade, vendo no ingresso do filho à escola uma possibilidade de ter um tempo para si, ou ainda por acreditarem que é uma oportunidade para esta criança, de aprendizagem e

socialização. (Rizzo, 2010; Rapoport, 2008; Seabra 2007; Gravena, 2006; Weber, Santos, Becker, & Santos, 2006; Rapoport, & Piccinini, 2004).

Dentre os principais motivos que levaram os pais deste estudo a inserir a criança à escola de educação infantil precocemente está, a questão financeira, que está exemplificado no trecho a seguir:

*“...a princípio a gente tinha raciocinado de eu trabalhar só de tarde, de fica com o J de dia, e cálculo e puxa e soma e diminui...eu vou ter que voltar o dia inteiro...eu to longe do meu filho, tempo de mais do que eu gostaria, mas eu posso dar coisas pra ele que antes eu não tinha como...” (mãe D)*

E, também por opção, visando o desenvolvimento da criança. A seguinte escolha se deu muito mais em prol da socialização e da aprendizagem deste bebê do que exclusivamente pelo seu cuidado (Rapoport, & Piccinini, 2004).

*“...tinha uma amiga minha que também tinha uma filha e opto por cuidar com uma tatá, e daí me dizia, mas porque tu ta deixando na escolinha, porque tu não deixa com a tua mãe, eu acho que na escolinha ela vai desenvolver bem mais...” (mãe A)*

Em função de diferentes necessidades, os casais tiveram que recorrer aos cuidados oferecidos pelas escolas de educação infantil. Primeiramente foram pensadas alternativas, como pagar uma babá e/ou ficar em casa, que acabaram sendo desconsideradas por esses pais, pois optaram pelo que acreditavam ser uma melhor escolha para eles e para o bebê.

*“por uma opção, porque a gente não tinha com quem deixar né, os avós trabalham, e vai deixar com quem? Pagar uma tatá pra cuidar, sabe como é, a gente não tem confiança na pessoa que vai botar dentro da tua própria casa...” (pai C)*

Estas falas corroboram com os dados da literatura (Levy, & Jonathan, 2010; Weber, Santos, Becker, & Santos, 2006;) de que as mães buscam o trabalho também para aumentar a renda familiar. Sendo então necessário, que os cuidados básicos e a educação dos seus filhos sejam delegados às escolas de educação infantis. Cabe ressaltar que apesar de haver um conflito inicial entre a questão financeira e colocar o bebê na escola de educação infantil, deu-se prioridade à primeira, podendo ser apontado como uma mudança da atualidade que tem reflexos neste momento. Anteriormente, a dinâmica familiar e social impelia as mães a ficar em casa com os filhos, abdicando de uma vida profissional. Enquanto que, as mães deste estudo optaram por continuar inseridas no mercado de trabalho, recebendo seus ingressos, ainda que isto gere um sofrimento por afastar-se logo após o término da licença maternidade.

Cabe ressaltar que estes dados foram trazidos pelo par parental, indicando haver um consenso entre ambos nesta decisão.

### 2.6.3 Rede de Apoio

Esta categoria contempla as dificuldades dos pais para dispor de uma rede social de apoio que pudesse facilitar esse momento de inserção escolar dos filhos, coincidindo com o que os autores (Levy, & Jonathan, 2010; Rizzo, 2010; Gravena, 2006; Dessen, & Braz, 2000) referem em seus estudos: atualmente as avós e/ou tias que anteriormente auxiliavam nos cuidados com as crianças, estão inseridas à população ativa e/ou vivem distantes.

Esses fatores levam os pais a terem que se reorganizar em função das suas demandas. Nesse sentido, em função da falta de rede de apoio destas famílias de duplo-trabalho, a escola de educação infantil tem fundamental importância no auxílio das mesmas (Seabra, 2007; Gravena, 2006).

*“...mas agora é uma correria, porque se uma criança tiver doente...a mãe do A. é de idade, a minha não mora aqui, então nós temos que se virar” (mãe B)*

A partir desta fala, nota-se que o casal não tem com quem contar nesse momento. Se a criança adoece, ela possivelmente também não irá à escola, não tendo esta com quem ficar durante o período em que os pais estão trabalhando. Portanto, os mesmos terão que se reorganizar em prol dela. Outro fator é a questão do período cronológico dos avós. Ou seja, a etapa do ciclo vital em que se encontram os pais do casal. Este é um dos fatores com o qual precisam fazer frente, coincidindo com outras questões do ciclo evolutivo do casal, como a transição da conjugalidade para parentalidade, e ainda da inserção escolar dos filhos.

Nas duas falas a seguir fica claro que se os pais pudessem e/ou tivessem com quem deixar seus filhos, não os tinham inserido tão cedo à escola de educação infantil. Fator este vivenciado pela maioria dos casais entrevistados.

*“...é claro que a gente pensa as várias vezes em ter alguém em casa pra retirar ele da escola...a gente tem esse desejo... a gente não pode contar assim com uma pessoa que um dia possa faltar, daí onde que ele vai ficar...” (mãe B)*

*“...a minha mãe mora fora do estado...e a única parente que ela tem assim, bem próximo é a tia...” (pai D)*

Cabe destacar que em apenas uma das famílias se observa o contrário, estes relataram ter uma rede de apoio, os avós da criança. Portanto, fica evidente através dos seguintes

relatos, que foi uma opção dos mesmos colocarem o bebê na escola de educação infantil, logo após o término da licença maternidade.

*“...a gente tem uma certa facilidade...a gente mora numa casa de dois pisos, que tem o sogro e a sogra que moram em cima, então se tem uma situação que os dois estão ocupados...ela não fica sozinha...ela vai lá, brinca com o vô e com a vó” (pai A)*

Deve-se considerar que a escassez de rede de apoio se expressa como falta de opção para maioria dos pais entrevistados. Enquanto outros optam pela socialização das crianças na escola, uma vez que teriam uma rede de apoio com a qual pudessem contar nesse momento. Isso pode estar indicando maior liberdade por parte de algumas famílias em fazer opções sobre a vida dos filhos sem estarem tão amarrados as concepções sociais e familiares de que a única alternativa saudável seria o bebê estar com a mãe ou familiares neste momento.

#### 2.6.4 Sentimentos dos Genitores

Esta categoria compreende os sentimentos que os pais e as mães expressaram com maior frequência com relação ao período de inserção escolar dos filhos. Dentre eles se destacam: o conflito entre voltar ao trabalho e a maternidade, a culpa pela escolha e as principais preocupações.

Relacionados mais especificamente aos sentimentos das mães, surge o conflito entre o trabalho e a maternidade, que pode ser ilustrado a partir das seguintes frases:

*“...passou pela minha cabeça, assim em alguns momentos abandonar tudo e ficar só com ela...” (mãe A)*

*“...também sabia que se tivesse optado por ficar em casa, pra ficar com a V., num momento eu também não ia ta feliz...hoje em dia, a gente quer ta em contato com outras pessoas, trabalhando, ter o dinheiro...não ficar fora do mercado...e as vezes tu ta com a criança ali e daí ta triste” (mãe A)*

Esse resultado coincide com os dados encontrados pelos autores Weber, Santos, Becker e Santos (2006) de que deixar os filhos aos cuidados da escola de educação infantil ainda provoca um forte conflito para a maior parte das mães. Pois o fato de ter que optar, seja por necessidade ou não, pode por um lado trazer realização profissional e financeira, mas por outro, pode provocar sentimentos de medo e insegurança em algumas mães, visto que os cuidados por outros que não esta, culturalmente são assumidos como inadequados.

Culturalmente, os cuidados maternos vieram sendo declarados como os melhores para as crianças. Ao passar a trabalhar fora, surge uma cobrança da sociedade para que essa mulher retorne ao cuidado do lar e dos filhos, fator este que pode desencadear num sentimento de culpa por parte desta mãe, por pensar que não está cumprindo com o seu papel (Badinter, 2011; Weber, Santos, Becker, & Santos, 2006). As seguintes falas corroboram os resultados desses estudos:

*“...depois vem a situação de culpa...tu vê tua filhinha assim chorando, te olhando assim, chorando querendo vir pro teu colo sabe, ai eu saía de lá e começava a chorar, porque eu pensava assim...ela vai se sentir abandonada, eu to abandonando ela, eu vou traumatizar minha filha...” (mãe A)*

Segundo Rapoport (2008) é natural que as mães tenham esses sentimentos ambivalentes. Sendo os mais frequentes, a culpa, os ciúmes, o medo de que aconteça algo a criança, ou de deixarem de ser amada por ela.

*“...as primeiras duas semanas eu fiquei com ele na escola. O primeiro dia me deu vontade de chora, eu tava lá, a profe dando de comer pra ele, e eu pensando, meu Deus, sou eu que tenho que fazer isso sabe...ele vai crescer, ele não vai lembrar de nada disso, de que a mãe não tava tão perto assim e tal, eu não vou me culpa, tem que ser assim...” (mãe D)*

Identificam-se estes sentimentos das mães, mas os dados também apontam sentimentos ambivalentes dos pais. Sentimentos esses que são expressos através das preocupações relatadas nas seguintes frases, notando-se também um discurso de uma mãe incluindo o pai nesse momento.

*“foi mais difícil acho pra nós... como eu sou profe também, eu tenho uma resistência em mandar muito novo pra escola, se pudesse ficar em casa ficaria” (mãe B)*

*“a preocupação minha foi, como ela fosse cuidada na escolinha, porque vai saber se cuidam bem dos filhos da gente...” (pai C)*

Cabe ressaltar que dados como estes são escassos na literatura. Os estudos que não se referem somente à mãe utilizam o termo pais englobando o pai e mãe, não diferenciando os sentimentos dos genitores homens. O estudo de Rapoport (2008) aponta que é comum os pais, referindo-se a ambos os genitores, sentirem-se inseguros e desconfiados, principalmente quando se trata do primeiro filho e ainda bebê, sendo mais difícil para os pais esse período, do que para a criança se adaptar à escola de educação infantil. Ressalta-se que em nossos participantes, estes sentimentos são evidenciados e expressos verbalmente tanto para os genitores quanto para as genitoras.

## 2.6.5 Reações Frente à Inserção Escolar

Esta categoria contempla os conteúdos referentes à forma como o par parental lida com as dificuldades inerentes ao período de inserção escolar.

Os seguintes relatos corroboram em parte com os dados encontrados pelos autores, Vitória e Rossetti-Ferreira (1993) e Rapoport (2008) que ressaltam que a maneira como a família, em especial a mãe, lida com a entrada da criança à escola de educação infantil, tem impacto sobre a reação da criança à inserção, pois muitas das emoções que os filhos identificam na genitora são expressas em seu comportamento. Nas falas dos participantes identificam-se reações não só das mães, mas também dos pais:

*“...já comecei assim, a sentir que eu tava prejudicando ela, porque daí ela chorava, ela não ficava feliz, ela ficava chorando assim na entrada, na saída, ela começou a estranhar outras pessoas que ela, que até então ela era, ia com todo mundo...ai assim eu comecei a mudar meu jeito de pensar, de agir, ai eu ia levava ela, tentava demonstrar que eu tava feliz...” (mãe A)*

*“eu senti, eu ia pra escolinha preocupado, porque consegui ir na primeira semana...depois eu não consegui mais...a gente levava ela juntos, eu ficava preocupado, será que ela ta bem, será que ela vai ficar bem...”. (pai A)*

*“a entrada dele na escolinha...foi mais de sofrimento dos pais, no sentido, assim, se ele vai ser bem cuidado, se não vai ficar doente, se ele vai ficar adaptado com os professores, com o ambiente, mais nesse sentido” (mãe B)*

*“na hora que eu deixei ela, não demonstrei nada assim de tipo, de preocupação ou tristeza né, não demonstrei nada, e depois a gente fica preocupada como é que vai ta, se vai ta chorando, se não vai ta chorando né” (mãe C)*

*“...eu já ficava mais ansioso, não queria, porque é difícil né, tu ver uma nenê chorando, ainda mais tua filha né...” (pai C)*

*“a criança quando nasce ela já sente, a gente viu né, que ela sente o estado que o pai e a mãe estão, quanto mais tranquilidade se demonstrar pra eles, mais eles ficam mais tranquilos...”. (pai D)*

A partir dos relatos, pode-se observar que aparecem tanto as preocupações da mãe e do pai, assim como um discurso que refere-se ao par parental. Não se identifica uma diferenciação no sofrimento associado aos papéis de mãe e pai, mas sim como o par parental, conjuntamente, precisa lidar com estas dificuldades para enfrentar este momento de crise.

Estes resultados parecem indicar mudanças no comportamento familiar que ainda não foram estudadas de forma suficiente no contexto nacional, uma vez que as pesquisas se centram em sua maior parte nos sentimentos das mães neste processo. Neste sentido, nossos achados sustentam em parte os estudos que mostram a importância do papel da mãe neste momento (Silva, Fernandes, Veríssimo, Shin, Vaughn, & Bost, 2008; Bonds, & Gondoli, 2007; Almeida, 2006; Lopes, Alfaya, Machado, & Piccinini, 2005; Mondin, 2005; Veríssimo, Alves, Monteiro, & Oliveira, 2003), mas apontam de forma clara que para as famílias deste estudo, este sofrimento é de ambos, do par parental que compartilha estes sentimentos.

#### 2.6.6 Indicativos de Dificuldades de Inserção Escolar dos Filhos

Esta categoria compreende os sintomas apresentados pelas crianças durante o período de inserção escolar, que são avaliados, principalmente pela escola, como indicativos de que a criança está com dificuldades nesse processo.

Cabe destacar que, ao questionar os pais em entrevista, sobre os sintomas apresentados pelos filhos durante o processo de inserção escolar, a maioria não conseguiu identificá-los. Porém, no momento em que se fez o mesmo questionamento, a partir de uma lista, que correspondia aos dados sociodemográficos e clínicos dessas famílias, estas puderam reconhecer algumas das características nos seus filhos. Dentre elas: problemas de sono, ataques de raiva, dependência em algum objeto (boneca) – criança A; Problemas de sono – criança B; Dependência de algum objeto (bico) – criança C; Chupar o dedo – criança D, sendo que no dia da entrevista esta última teve diarreia enquanto estava aos cuidados da escola de educação infantil. Estas características são consideradas como indicativos de dificuldades de inserção escolar (Brazelton, 1994). Alguns relatos condizem com a literatura:

*“...ai ela começou a ir o dia todo, que ela só ia na parte da tarde antes. Chegava no domingo...quando tava finalizando a tarde que lembrava do dia seguinte, e ela também sentiu...ela chorava...” (mãe A)*

*“...notei que ela, o cocozinho aumentou...eu percebi que ela ia com todo mundo, de repente ela começou estranhar, não ir no colo de todo mundo, ham, tava assim mais apegada a mim, tinha momentos de ficar mais e mais comigo, ela tem a bonequinha dela, que daí diz que ela ficava mais juntinho, e continua com a bonequinha” (mãe A)*

*“...porque ele chora da escola até em casa por causa do bebê conforto, ele quer o colo meu, ele sente muita necessidade de sair da escola e estar grudado em mim” (mãe B)*

Segundo Rizzo (2010), a criança também pode vir a apresentar, durante o processo de inserção escolar, alguns sintomas como: febre, vômitos, diarreias, tosse nervosa, bronquite de fundo nervoso e alergias. Essas somatizações podem ser decorrentes de um intenso sofrimento vivenciado pela criança e pelos seus pais no momento da separação que esse período exige. Os relatos dos pais corroboram estes dados:

*“...tinha um desconforto...dormia e acordava...ai a gente acabou retomando a medicação, e agora ele ta dormindo melhor” (pai B)*

*“...a questão de saúde, respiratória, ele tem bastante dificuldade respiratória e...refluxo” (mãe B)*

O grande investimento emocional que a criança faz durante o período de inserção escolar, pode torná-la menos resistente as infecções. É importante que os pais estejam esclarecidos sobre os problemas esperados na inserção escolar precoce de seus filhos à escola de educação infantil, e saibam da importância das suas participações durante esse processo (Rizzo, 2010; Andrade, & Rodrigues, 2005). Os relatos que seguem corroboram estes postulados:

*“...único problema da escolinha é porque têm outras crianças, um ta doente, todos vão ficar...” (mãe B)*

*“...mas esse contato também tem as suas consequências, ele já pegou uma gripe, uma espongina, que é tipo uma afta na garganta, e isso ele pegou de outras crianças” (pai B)*

A resistência do bebê para ir embora ao final do dia também deve ser considerada como um indicativo de que a criança pode estar apresentando algum desajustamento à nova situação (Rodriguez, 1981).

*“eu fico bem feliz assim, de ver a V. chegar na escolinha sorrindo, as vezes ir de braço aberto pra professora, e depois na hora de ir buscar também sair sorrindo, ou as vezes não querer vir...” (pai A)*

*“...meu filho gosta de ir...até ele da uma reclamadinha pra vir pra casa...” (pai D)*

Algumas vezes, pais e educadoras interpretam como um sinal de que o bebê está gostando de ficar na escola de educação infantil, quando poderá ser o contrário, uma demonstração de sofrimento por parte deste (Rodriguez, 1981).

Portanto os resultados dos genitores deste estudo corroboram os dados encontrados na literatura (Rizzo, 2010; Brazelton, 1994; Rodriguez, 1981). Esses resultados configuram o ingresso na escola como um período de crise, que se não é vivido com maiores níveis de

funcionalidade, levam a criança a desenvolver sintomas, demandando readaptação de papéis e funções de toda família.

Embora tenha variado o tempo de inserção escolar de cada criança deste estudo, para se dizer que não houve adaptação, faz-se necessário fazer uma reavaliação do tempo, pois somente em dois dos casais passou do período considerado pela literatura como adequado. Embora existam autores (Rodríguez, 1981) que propõe que esse período pode durar até os seis meses. São os bebês “A” e “D” os que apresentam mais indicativos de dificuldades de inserção à escola de educação infantil. Porém, somente se os sintomas persistirem por mais tempo, poderão configurar uma dificuldade maior da família e da criança.

#### 2.6.7 Coparentalidade na Inserção Escolar

Nesta categoria serão apresentadas as questões referentes à coparentalidade e ao compartilhamento de cuidados em relação à inserção escolar.

Cabe ressaltar que, talvez a decisão dos pais em colocar os filhos, logo após o término da licença maternidade, em escolas de educação infantil, unidas ao fato de a mulher estar envolvida, também com suas questões profissionais, além da ausência de uma rede de apoio efetiva, favoreça para que haja uma divisão, mesmo que de forma não igualitária. Os relatos que seguem coincidem com dados de pesquisas (Gravena, 2006) que mostram que o pai está sendo demandado a ser mais participante nas questões ligadas à coparentalidade:

*“...os dois olham...a agendinha dela, a gente assina, e quando tem que ligar pra escola, pra alguma coisa ou outra, normalmente tem sido eu assim né...” (mãe A)*

*“...não que seja determinado, mas imposto pelos horários...a V leva...vai ao meio dia, porque eu não posso ir na escolinha, e daí por causa do meu horário eu busco...” (pai A)*

Nota-se através destes relatos uma ambivalência com relação ao compartilhamento de cuidados. Os pais sabem da importância de os dois genitores participarem, porém isso ainda não acontece de forma natural. Tanto que as mães quando se dão conta de que estão mais envolvidas, referem abrir espaço para que eles também participem. Portanto, por vezes os pais referem dividir essas tarefas, por outra aparece que o fazem se houver necessidade. A falta de tempo dos pais, devido ao trabalho, é o que, segundo eles, justifica esta dinâmica. Sendo a mãe quem arruma o tempo necessário para dar conta das demandas da criança.

*“...ele leva na escolinha quando tem que levar, busca se precisar, preocupado com as coisas, com o desenvolvimento dela na escolinha...” (mãe A)*

*“a P é mais de observar, eu também olho, mas a p é mais de...fazer anotação, tipo ok, a gente tomou ciência” (pai B)*

*“solicitar alguma coisa, eu faço isso, mas ele lê todos os recados, tudo sempre os dois leem, mas eu sou mais dedicada no sentido de que eu também sou profe...mas de ligar os dois ligam na escola...” (mãe B)*

*“até a P de tarde ta em aula, ai é difícil atender o telefone, ai se tem algum problema ligam pra mim” (pai B)*

*“eu e ele, os dois, a gente leva, busca, mais eu busco porque ele está em PF, então essa função é minha...quando ele está aqui ele busca, mas normalmente sou eu. E, quem leva, eu tento deixar ele também, a gente tenta dividir pra ele participar também da vida do A” (mãe B)*

A partir dos relatos fica evidente que existem dois tipos de casais participantes neste estudo: os que dividem igualmente as tarefas relacionadas à coparentalidade e os que dividem de forma menos igualitária, ou seja, quando houver uma demanda.

Faz-se necessário considerar que no casal C, em função da criança trocar de escola, houve uma mudança que fez com que o pai assumisse mais. Antes disso, a mãe era quem tomava conta da maior parte das tarefas referentes aos cuidados da filha, como na fala a seguir:

*“de manhã eu, eu que troco ela, que arrumo ela pra ir pra escolinha...e a noite que nós chegamos em casa, eu também dou banho pra ela, dou mama pra ela, e depois ele me ajuda cuidar dela, nós damos mais atenção pra ela né, até que ela ta acordada, ai depois que ela dorme, nós continuamos as tarefas de dentro de casa...” (mãe C)*

A partir deste momento, o pai é quem desenvolve a maioria dos cuidados antes desempenhados pela mãe, o que se expressa no seguinte relato:

*“...ela apronta a I, espera a besta chegar...que ela trocou de escola...e de noite quando ela chega as cinco horas...eu já to em casa, eu pego ela...na besta...do banho pra ela, agora como eu to antes em casa, e assim a F chega em casa, fica um pouquinho com ela, e ela logo em seguida vai dormir” (pai C)*

No discurso do casal D, esta divisão aparece de forma menos igualitária. A mãe tem tomado frente com relação a maior parte das atividades referentes ao filho.

*“...vou buscar ele na escola, volto pra casa, o pai já ta...com chimarrão pronto assistindo TV, daí a gente fica, brinca com ele. O J toma banho no colo do H no chuveiro...eu já deixo a mamadeira pronta, o berçinho arrumado...se ele ta muito cansado ele já dorme...” (mãe D)*

Percebe-se a partir dos relatos acima que as mães deste estudo, têm a participação e colaboração dos pais nos cuidados dos filhos durante esse período de inserção escolar. Sugere-se que há uma divisão, mesmo que esses pais participem mais quando há uma necessidade e/ou oportunidade, pois parece ficar claro que se precisar, ou se eles tiverem maior tempo livre do que a mãe, eles se ajustam aos deveres coparentais.

Existem, portanto, diferentes formas de organização e cooperação coparental nos casais desta pesquisa. De forma geral, pode-se apontar que não há altos níveis de conflito coparental, assim como relativos níveis de acordo coparental. De acordo com a literatura (Mosmann, Einsfeld, Silva, & Terres-Trindade, 2012), menores índices de conflito coparental estariam vinculados a melhores níveis de saúde da família. Considerando o critério utilizado neste estudo para caracterizar dificuldades de inserção escolar, dois bebês confirmam o quadro. Pode-se pensar que a coparentalidade está se expressando como fator protetivo para estas famílias. Cabe ressaltar que foram as escolas que apontaram estas crianças como tendo dificuldades, além de considerar-se que faz-se necessário aguardar um maior período de tempo para avaliar se as dificuldades persistem.

#### 2.6.8 Inclusão do par parental à Escola

Esta categoria compreende a participação dos pais durante o processo de inserção escolar dos filhos à escola de educação infantil.

A literatura aponta que, é fundamental a presença dos pais ou de algum familiar para auxiliar no estabelecimento dos vínculos com educadoras e outras crianças (Rapoport, & Piccinini, 2001a). Porém, são poucas as educadoras que enfatizam a importância da presença de ambos os pais nos primeiros dias de inserção escolar dos filhos (Rapoport, & Piccinini, 2001b), dado que coincide com o encontrado por este estudo, uma vez que somente o casal “A” esteve acompanhando esse processo.

*“...nos primeiros dias assim, ele conseguiu jogar os horários para ir lá, e fica e meio dia enquanto eu dava mama, fica junto pra vê ela sabe, e observa o jeitinho dela...”. (mãe A)*

A partir dos relatos B, C e D abaixo, pode se observar que as mães é que acompanharam a inserção escolar de seus filhos. Resultados que vem ao encontro com o enfoque majoritário dado pelas pesquisas ao papel da mãe. Uma vez que esses pais, geralmente estão trabalhando e não podem acompanhar as mães nesse processo, pois somente

estas tem direito a licença maternidade. *“eu fiz adaptação dele...foi uma semana, eu fui primeiro dia trinta minutos, outro dia um pouquinho mais...”*. (mãe B)

*“...teve adaptação né, que eu levei ela uns dias...”*. (mãe C)

*“as primeiras duas semanas eu fiquei com ele na escola”*. (mãe D)

Outro fator que pode estar relacionado à maior presença das mães durante esse período é a questão da amamentação, duas delas estavam amamentando durante a inserção. Entretanto, ainda que esta situação exija a presença da mãe não deveria excluir a participação dos pais, como observado no casal A.

Nesse contexto, nota-se que os pais dão suporte ao processo, mas quem acompanha a inserção da criança à escola é a mãe. Somente um casal realizou o processo conjuntamente. Depois que a criança já está adaptada, os pais parecem inserir-se de forma mais efetiva. Chama atenção este resultado considerando que os genitores masculinos deste estudo, mostraram-se envolvidos e participativos nas funções coparentais. Não é possível inferir, a partir dos resultados deste estudo, se isto ocorre por falta de incentivo das escolas, pela presença do pai, ou se ainda reflete uma concepção social de que é a mãe quem deve assumir este processo. Entretanto o fato de um dos casais ter participado conjuntamente, pode estar indicando uma modificação neste padrão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo do presente estudo foi o de analisar a coparentalidade no processo de inserção escolar precoce de bebês entre três e oito meses de idade, com indicativos de dificuldades de inserção escolar à escola de educação infantil. Assumiu-se a importância da coparentalidade no desenvolvimento dos filhos, questionando como ela se expressa no período de inserção escolar precoce.

Justifica-se sua relevância devido à escassez de estudos relacionados à inserção escolar nessa faixa etária, uma vez que esse período tem sido adiantado, pois as crianças estão entrando mais cedo à Escola de Educação Infantil. E também, devido ao enfoque majoritário dado às pesquisas ao papel da mãe durante esse processo.

Identificou-se que motivados pela questão financeira e também visando um melhor desenvolvimento da aprendizagem e da socialização dos bebês, os casais deste estudo decidiram por inserir precocemente seus filhos às escolas de educação infantis. Para a maioria

desses casais, esse foi o reflexo da ausência de uma rede de apoio, enquanto que, para um deles, essa escolha se deu por opção.

Estes resultados indicam algumas mudanças da atualidade que tem reflexos neste processo, pois leva os genitores a se reorganizarem em função das demandas do trabalho, da divisão de tarefas e do compartilhamento de cuidados que diz respeito à coparentalidade, funções anteriormente atreladas somente à mulher. Cabe ressaltar que apesar das preocupações, e sentimentos ambivalentes, a concepção cultural de que os cuidados para com este bebê deveriam ser desempenhados pela mãe ou familiares, parece já não ter um peso tão significativo nas escolhas desses casais.

O relato das mulheres deste estudo representa uma importante mudança da atualidade que talvez, não esteja sendo acompanhada pelas escolas. As genitoras vislumbram outras possibilidades de cuidados para os filhos, priorizando a si próprias e às questões financeiras. Enfim, esses resultados oferecem indícios de que é necessário desenvolver mais estudos e intervenções no intuito de auxiliar as escolas a vislumbrarem que ainda permanece a percepção antiga, voltada somente à participação da mãe no processo de inserção escolar.

Nota-se a partir dos relatos que o par parental enfrentou as dificuldades relacionadas a esse período. Mesmo que os pais não acompanhassem a mãe até à escola, sentiram e relataram as mesmas angústias e tiveram as mesmas preocupações. Estes dados indicam um pai muito mais atuante, os casais deste estudo dividem as tarefas e também o compartilhamento de cuidados com os filhos, entretanto de forma não totalmente igualitária. Esta heterogeneidade surge como uma ambivalência nestas famílias, tanto os pais quanto as mães ora dizem dividir as tarefas e o compartilhamento de cuidados, ora dizem que o fazem se houver necessidade, o que demonstra que a participação dos mesmos ainda não ocorre de forma natural. Conclui-se que atualmente, nos casais entrevistados, ainda observa-se um descompasso entre o discurso e a prática.

Além disso, somente um dos casais acompanhou conjuntamente a entrada do filho à escola. Não se sabe se isto ocorre pela dificuldade das famílias ou se pelo fato das escolas de educação infantil não convidarem o par parental para participar do processo de inserção escolar dos filhos, frisando inclusive, sua importância. Cabe destacar que a expectativa inicial, principalmente das escolas, era a de que havia relação entre a dificuldade dos pais em desempenhar a coparentalidade durante esse período, e a das crianças em inserir-se à escola. Essa hipótese não se confirmou **provavelmente porque** existem outros estressores que podem

estar comprometendo esse processo, como por exemplo, o fato de a criança ficar muito tempo longe dos genitores, já que permanece na escola o dia todo.

Identifica-se então, a necessidade de que sejam realizados outros estudos, já que esses resultados estão circunscritos a uma pequena amostra, a qual foi de difícil acesso. As escolas de educação infantil apontavam as famílias que estavam passando por dificuldades de inserção escolar, segundo suas avaliações, e estas se negavam a participar da pesquisa, alegando não ter tempo. Portanto, sugere-se a realização de mais estudos qualitativos de caráter longitudinal para que se possa acompanhar a transição da parentalidade à coparentalidade, estudos de caso e observação, com intuito de conhecer de forma mais aprofundada o funcionamento das escolas, das crianças e do casal/família neste processo.

Resultados como o do presente estudo, assim como de investigações futuras se justificam pela relevância e atualidade da temática uma vez que o estilo de vida das famílias vem demandando cada vez mais de escolas de educação infantil em turno integral, realidade não mais restrita às capitais.

Esses achados podem contribuir para reafirmar para as escolas, a importância da participação do par parental durante esse processo. Nota-se uma evolução das escolas nesse sentido, mas algumas ainda chamam somente a mãe. Sugere-se que sejam desenvolvidas intervenções efetivas com as escolas de educação infantil buscando trabalhar com as educadoras a fundamental importância de ambos os genitores acompanharem esse período de inserção escolar. Espera-se que estas iniciativas possam contribuir para a consolidação da participação de ambos os genitores no processo de inserção escolar de seus filhos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, L. S. (2006). A cognição social e a construção da relação educador-bebê na creche. *Ciências & Cognição*, 7, 42-48.

Andrade, M. A. C., & Rodrigues, M. M. P. (2005). Indicadores de adoecimento antes e após o ingresso da criança na creche. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Humano*, 15(2), 13-21.

Badinter, E. (2011). *O Conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Record.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70

Bonds, D. D., & Gondoli, D. M. (2007). Examining the process by which marital adjustment affects maternal warmth: the role of coparenting support as a mediator. *Journal of Family Psychology*, 21, 288-296.

Bloom-Feshbach, S., Bloom-Feshbach, J., & Gaughran, J. (1980). The child's tie to both parents: Separation patterns and nursery school adjustment. *American Journal of Orthopsychiatry*, 50, 505-521.

Brazelton, B., & Sparrow, J. (2003). *3 a 6 anos: Momentos Decisivos no Desenvolvimento Infantil*. Artmed.

Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000). Rede Social de Apoio Durante Transições Familiares Decorrentes do Nascimento de Filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 221-231.

Gabriel, M. G. (2012). *Transformações no envolvimento paterno ao longo dos seis primeiros meses do bebê na creche*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Gravena, A. C. (2006). *Retorno ao trabalho após o nascimento de um filho: percepções de professoras sobre sua experiência*. Dissertação de Mestrado, UFSCar, São Carlos, SP.

Lamela, D., Costa, R. N., & Figueiredo, B. (2010). Modelos Teóricos das Relações Coparentais: revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, 15(1), 205-216.

Levy, L., & Jonathan, E. G. (2010). Minha família é legal? A família no imaginário infantil. *Estudos de Psicologia*, 27(1), 49-56.

Lopes, R. C. S., Alfaya, C., Machado, C. V., & Piccicini, C. A. (2005). "No início eu saía com o coração partido...": as primeiras situações de separação mãe-bebê. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Humano*, 15(3), 26-35.

McHale, J. P., Kuersten-Hogan, R., & Rao, N. (2004). Growing Points for Coparenting Theory and Research. *Journal of Adult Development*, 11(3), 221-234.

Minuchin, S., Nichols, M. P., & Lee, W. (2009). *Famílias e Casais: do sintoma ao sistema*. Artmed.

- Mondin, E. M. C. (2005). Interações afetivas na família e na pré-escola. *Estudos de Psicologia* 10(1), 131-138.
- Mosmann, C., Einsfeld, P., Silva, A. M., & Terres-Trindade, M. (2012). *Interação conjugal, coparental, parental e sintomas internalizantes e externalizantes dos filhos: resultados preliminares*. Trabalho apresentado no Segundo Congresso de Iniciação Científica e Pós-Graduação (CICPG), São Leopoldo, RS.
- Possatti, I. C., & Dias, M. R. (2002). Multiplicidade de Papéis da Mulher e seus Efeitos para o Bem-Estar Psicológico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(2), 293-301.
- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2001a). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 81-95.  
O ingresso e Adaptação de Bebês e Crianças Pequenas à Creche: Alguns Aspectos Críticos.
- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2001b). Concepções de Educadoras Sobre a Adaptação de Bebês à Creche. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(1), 069-078.
- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2004). A escolha do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 497-503.
- Rapoport, A. (2008). *Adaptação de bebês à creche: a importância da atenção de pais e educadores*. Porto Alegre: Mediação, 2ª edição.
- Ríos-González, J. A. R. (2005). *Los ciclos vitales de la familia y la pareja: crisis u oportunidades?* Editorial CCS, Madrid.
- Rizzo, G. (2010). *Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 6ª edição.
- Rodriguez, D. T. (1981). Infant day care: How very young children adapt. *Children Today*, 10-12.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S., & Vitória, T. (1994). A creche enquanto contexto possível de desenvolvimento da criança pequena. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, São Paulo*, IV(2), 35-40.
- Silva, F., Fernandes, M., Veríssimo, M., Shin, N., Vaughn, B. E., & Bost, K. K. (2008). A concordância entre o comportamento de base segura com a mãe nos primeiros anos de vida e os modelos internos dinâmicos no pré-escolar. *Análise Psicológica*, 3, 411-422.
- Veríssimo, M., Alves, S., Monteiro, L., & Oliveira, C. (2003). Ansiedade de Separação Materna e Adaptação Psicossocial ao Pré-escolar. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4(2), 221-229.
- Vitória, T., & Rossetti-Ferreira, M. C. (1993). Processos de Adaptação na Creche. *Cadernos de Pesquisa*, 86, 55-64.
- Weber, L. N. D., Santos, C. S. D., Becker, C. & Santos, T. P. (2006). Filhos em Creches no Século XXI e os Sentimentos das Mães. *Psicologia Argumento*, 24(44), 45-54.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

A transição e adaptação à parentalidade, bem como a coparentalidade, somadas às questões de duplo-trabalho do casal e a inserção escolar precoce dos filhos, se configuram como um período de crise para as famílias. Destaca-se a necessidade de uma readaptação de papéis e funções do par parental, visto que, a dificuldade destes em assumir as novas demandas, podem se expressar em baixos níveis de funcionalidade familiar.

Este estudo apresenta resultados importantes que apontam para modificações nas relações familiares, entretanto, estas ainda parecem ser heterogêneas nas famílias. Neste sentido, identificam-se algumas limitações, que servem de incentivo para se continuar pesquisando sobre a coparentalidade, durante o processo de inserção precoce dos filhos à escola de educação infantil, logo após o término da licença maternidade. Também se fazem necessários estudos acerca da inserção escolar propriamente dita, visto que os estudos na área são escassos. Os resultados apontam algumas mudanças, mas são restritas a um número pequeno de participantes, caberia investigar se esses resultados se expressam da mesma forma em outros contextos. Chama atenção a maior participação dos pais no processo de inserção e no compartilhamento de cuidados com os filhos, porém ainda não representa uma realidade homogênea, uma vez que os dados mostram uma ambivalência, pois ora os genitores relatam dividir, ora dizem que o fazem se houver necessidade. Levando-se em consideração que apenas um dos casais acompanhou conjuntamente a entrada do filho à escola, ressalta-se a necessidade de intervir nas escolas, trabalhando com as educadoras a importância de se chamar ambos os genitores para participar deste processo.

Ressalta-se a necessidade de pesquisas quantitativas, com maior número de participantes e em outros contextos nacionais. Porém, o estudo exploratório desenvolvido, serve de parâmetro para assumirmos algumas mudanças da atualidade. A dificuldade maior foi o difícil acesso aos genitores, uma vez que os mesmos não se dispunham a participar, justificando com as questões profissionais e principalmente pela falta de tempo. Pode-se pensar que esses casais, encontravam-se com maiores dificuldades para lidar com as novas demandas desse período.

Considerando a trajetória realizada até a conclusão desta dissertação, acredita-se que a construção destes artigos contribui de forma significativa para os estudos acerca da coparentalidade e da inserção escolar. Apresentando um recorte sobre estas famílias que

vivenciam as dificuldades e conflitos durante o período de transição à parentalidade e à coparentalidade, unidas às questões de duplo-trabalho e inserção escolar dos filhos.

## **ANEXOS**

## ANEXO I - Parecer Comitê de Ética em Pesquisa



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação (UAP&PG)  
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Versão março/2008

### UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

### COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

### RESOLUÇÃO 008/2012

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS analisou o projeto:

**Projeto:** Nº CEP 11/190    **Versão do Projeto:** 06/01/2012    **Versão do TCLE:** 06/01/2012

**Coordenadora:**  
Mestranda Liana Pasinato (PPG em Psicologia)

**Título:** A coparentalidade em famílias de crianças que apresentam dificuldades de inserção escolar.

**Parecer:** O projeto foi **APROVADO**, por estar adequado ética e metodologicamente, conforme os preceitos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisadora deverá encaminhar relatório anual sobre o andamento do projeto, conforme o previsto na Resolução CNS 196/96, item VII.13, letra d. Somente poderão ser utilizados os Termos de Consentimento onde conste a aprovação do CEP/UNISINOS.

São Leopoldo, 06 de janeiro de 2012.

  
Prof. Dr. José Roque Junges  
Coordenador do CEP/UNISINOS

## ANEXO II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação  
Comitê de Ética em Pesquisa

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Meu nome é Liana Pasinato, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Estou realizando uma pesquisa intitulada "*A coparentalidade em famílias de crianças que apresentam dificuldades de inserção escolar*", com objetivo de investigar como os pais lidam com a entrada de seu(s)/sua(s) filho(s)/a(s) na escola de educação infantil. Considerando que alguns pais podem ter dificuldades neste momento da vida familiar, sua colaboração é muito importante, pois os resultados encontrados poderão auxiliar no entendimento e também na forma de melhor vivenciar esta fase.

Convido você a participar de duas entrevistas que serão gravadas em áudio e transcritas para posterior análise. Os dados coletados ficarão sob os meus cuidados e utilizados apenas para os fins de pesquisa, sempre preservando a identidade dos participantes.

Como participante desta pesquisa, você poderá desistir de colaborar a qualquer momento, sem nenhum prejuízo para você. Sinta-se à vontade para solicitar informações e orientações sobre o estudo, a qualquer momento.

Em caso de dúvidas ou esclarecimentos que se fizerem necessários, você poderá contatar a mim, Psicóloga Liana Pasinato, pelo telefone (054) 99783835, ou à professora orientadora Clarisse Mosmann, telefone (051) 3590.8328.

Este termo é assinado em duas vias, ficando uma em seu poder e a outra sob minha responsabilidade.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

\_\_\_\_\_  
Nome Assinatura do/a Participante

\_\_\_\_\_  
Nome Assinatura da Pesquisadora

CEP - UNISINOS  
VERSÃO APROVADA  
Em: 06.10.12

Av. Unisinos, 950 Caixa Postal 275 CEP 93022-000 São Leopoldo Rio Grande do Sul Brasil  
Fone: (51) 3591-1198 ou ramal 2198 Fax: (51) 3590-8118 <http://www.unisinos.br>

## ANEXO III – Ficha de Dados Sociodemográficos

### 1. Dados Sócio demográficos

#### Mãe

Idade: \_\_\_\_\_.

Profissão \_\_\_\_\_ . Ocupação Atual: \_\_\_\_\_.

Jornada de Trabalho: \_\_\_\_\_ horas.

Religião: \_\_\_\_\_.

Escolaridade:

- Fundamental Completo
- Fundamental Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Graduação Completo
- Graduação Incompleto
- Pós-Graduação Completo
- Pós-Graduação Incompleto

#### Pai

Idade: \_\_\_\_\_.

Profissão: \_\_\_\_\_ Ocupação Atual: \_\_\_\_\_.

Jornada de Trabalho: \_\_\_\_\_ horas

Religião: \_\_\_\_\_.

Escolaridade:

- Fundamental Completo
- Fundamental Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Graduação Completo
- Graduação Incompleto
- Pós-Graduação Completo
- Pós-Graduação Incompleto

Endereço \_\_\_\_\_.

Situação Conjugal \_\_\_\_\_.

Já foi casado anteriormente? Se sim, por quanto tempo? \_\_\_\_\_.

Tempo do relacionamento atual \_\_\_\_\_.

Número de filhos \_\_\_\_\_.

### **1. Dados da criança que apresenta dificuldades de inserção escolar**

*Seu/sua filho (a) manifesta/apresenta:*

Problemas de sono ( ) Raramente ( ) Ocasionalmente ( ) Frequentemente

Problemas de alimentação ( ) Raramente ( ) Ocasionalmente ( ) Frequentemente

Ataques de raiva ( ) Raramente ( ) Ocasionalmente ( ) Frequentemente

Ataques de choro ( ) Raramente ( ) Ocasionalmente ( ) Frequentemente

Dependência de algum objeto/brinquedo ( ) Raramente ( ) Ocasionalmente ( )

Frequentemente

Chupa o dedo ( ) Raramente ( ) Ocasionalmente ( ) Frequentemente

**ANEXO IV – Roteiro para Entrevista sobre Coparentalidade**  
**(Adaptado NIEPED, 2006)**

Pergunta Introdutória

1. Como é a rotina da família (horários de refeições, banho, cama, etc.)?

Parentalidade

2. Como descreve seu parceiro como pai/mãe?

Relacionamento com o/a filho (a)

3. Como é o relacionamento com o/a filho (a)?
4. Quais as maiores dificuldades para lidar com seu/sua filho (a) no dia-a-dia?

Apoio Mútuo

5. Quais foram as situações mais difíceis que vocês enfrentaram desde o nascimento de seu/sua filho (a)?
6. Como vocês têm agido diante dessas dificuldades?
7. Como foi a entrada de seu/sua filho (a) na escola de educação infantil?

Compartilhamento de Cuidados

8. Vocês dividem as tarefas/responsabilidades relacionadas ao/a filho (a)?
9. Como chegaram nessa divisão? (se for o caso)
10. Especifique algumas tarefas que são da responsabilidade de cada um.
11. Como você se sente delegando essas tarefas para o parceiro?
12. Vocês estão satisfeitos com esta forma de divisão? Se não, o que mudariam?
13. Como é a divisão sobre os aspectos relacionados à divisão de tarefas (quem leva, quem busca, quem prepara o/a filho (a), quem se comunica com a escola, quem participa?)

Práticas educativas/valores/expectativas

14. Vocês percebem diferenças entre vocês na forma de criar seu/sua filho (a)?
15. Como se deu a escolha da escola de educação infantil?
16. Que questões, preocupações cada um de vocês teve nessa escolha? Esta escolha tem sido satisfatória?

Engajamento em atividades com o/a filho (a)

17. Quais as atividades que cada um de vocês faz sozinho com o/a filho (a)? Qual o tempo e a frequência dessas atividades, em geral?

Engajamento em atividades com a família

18. Quais são as atividades que vocês três fazem juntos? Qual o tempo e a frequência dessas atividades em geral.